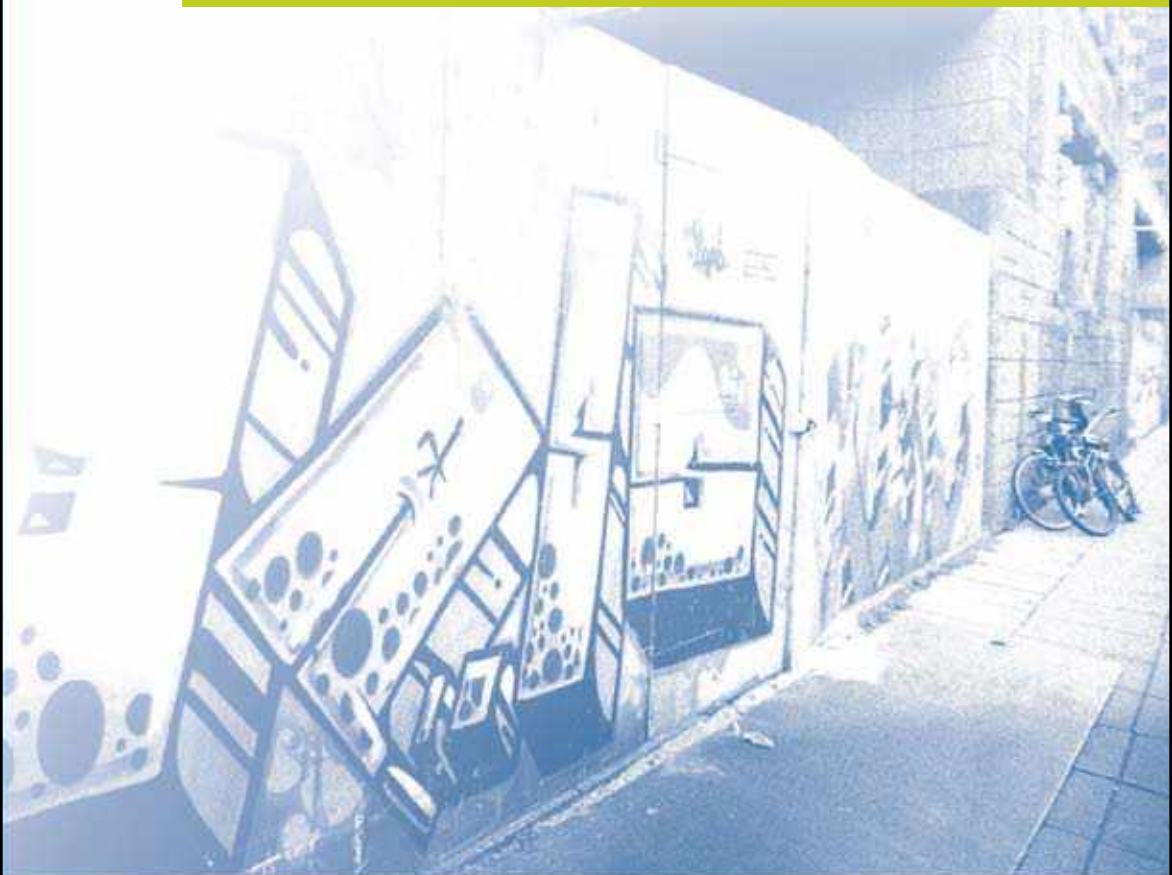




IAC
Instituto de Apoio à Criança

GUIA metodológico

Interromper Percursos Marginais



Projecto Rua - Em Família para Crescer
Projecto Educar e Formar para Inserir

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Guia Metodológico - Interromper Percursos Marginais

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cristina Andrade Funico

José Brito Soares

EQUIPA TÉCNICA RESPONSÁVEL

José Coelho Antunes

Elza Chambel

Matilde Sirgado

Carmen Lopes

Ana Isabel Carichas

REDACÇÃO

Isabel Porto

TRADUTORA

Maria do Rosário Saraiva

CAPA E DESIGN GRÁFICO

Cristina Leal

PAGINAÇÃO

Logocartaz - Soluções Gráficas

IMPRESSÃO

Tipografia da Associação dos Deficientes das Forças Armadas

EDIÇÃO

© Instituto de Apoio à Criança

Centro de Estudos, Documentação e Informação sobre a Criança

Largo da Memória, 14

1349-045 LISBOA - Portugal

Email: iac.cedi@gmail.com

Internet: www.iacrianca.pt

1ª EDIÇÃO

Junho de 2009

TIRAGEM

1.000 exemplares

ISBN

978-972-8003-36-4

DEPÓSITO LEGAL

293029/09

FINANCIADORES

Fundação Internacional Carrefour

Ministério da Educação

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social – Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil

sumário

Apresentação	VII
Prefácio	XI
1. INTRODUÇÃO	1
2. OS DESTINATÁRIOS	5
2.1. Perfil de Acesso	6
2.2. Critérios de Prioridade	6
2.3. O Perfil dos Formandos	7
2.4. A Família dos Formandos	8
2.5. A Relação com a Justiça	10
2.6. Os Factores de Exclusão	11
3. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS	13
3.1. Componente Pessoal	16
3.1.1. O Processo de Selecção	17
3.1.2. O Programa de Treino de Competências	19
3.1.3. O Acompanhamento Psicossocial	22
3.2. Componente Teórica	26
3.3. Componente Prática	30
4. RESULTADOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE 3 ANOS	37
5. PERCURSOS	41
5.1. "Os Desistentes"	42
5.2. "Os Resilientes"	48
5.3. "Os Certificados"	52
6. A PONTE DA PARTILHA	55
6.1. Recursos	56
6.2. (Re)construtores de vidas	58
7. INSTRUMENTOS TÉCNICOS	71
7.1. Processo de Candidatura	72
7.2. Diagnóstico e Plano de Intervenção	74
7.3. Programa de Treino de Competências	78
7.4. Protocolo de Cooperação entre o Instituto de Apoio à Criança e a Escola Secundária D. Dinis	94
7.5. Certificados dos Formandos	98

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

A decisão quanto à elaboração do Guia Metodológico sobre o Projecto “Educar e Formar para Inserir”, reveste-se da maior importância, por um conjunto de razões que importa sublinhar:

Em primeiro lugar, pretende ser um instrumento de trabalho, que não só reúna a informação necessária a uma prática adequada, mas sobretudo que a sistematize, por forma a permitir a reflexão que conduz a uma inovação constante.

Depois, trata-se de conseguir partilhar a experiência adquirida com outros profissionais, o que tem sempre efeitos multiplicadores de boas práticas e potencia aprendizagens recíprocas.

Por fim, e porque pressupõe uma avaliação, terá a inevitável consequência de a partir dela, permitir iniciar uma construção teórica sobre o método de sucesso para a intervenção com crianças de rua.

Em jeito de síntese, poderemos dizer que esta metodologia se revelou adequada, porque, além de uma abordagem personalizada, entendeu a criança como sujeito activo do seu próprio destino, procurando não apenas ouvi-la, mas também envolvê-la no seu projecto educativo.

Dirigido a uma faixa etária especial, a adolescência, em que é sentida com maior ênfase a necessidade de afirmação, o Projecto teve de lidar simultaneamente com a consciência de que estes adolescentes tinham um passado feito quase sempre de histórias de desencontros, rejeições e exclusão que contribuíram para comportamentos de risco, e também tendo presente que a intervenção tinha de visar a progressiva autonomia.

Daí que, sendo o público-alvo adolescentes que haviam abandonado a escola, a aquisição de competências na área do ensino curricular fosse absolutamente necessária.

Por outro lado, tendo em atenção a idade destes jovens e as suas expectativas, não menos importante se mostrou um conjunto de aprendizagens na área da formação profissional.

Mas face à ausência de disciplina e de hábitos saudáveis, e considerando a baixa auto-estima, que quase sempre anda associada ao insucesso e ao abandono escolar precoce, teve de conceber-se uma componente forte sobre desenvolvimento pessoal, que se vem revelando essencial no decurso do Projecto.

Foi esta articulação tripartida, a exigir parcerias de instituições diversas, que mostrou muitas potencialidades, visto que foi necessário conceber todo um sistema de partilha e de conjugação de esforços, metodologia que foi, aliás, desde sempre preocupação do Projecto Rua e do Instituto de Apoio à Criança, e cuja concretização motiva as equipas e as faz superar todas as dificuldades.

Dinamizar uma política de parcerias é difícil, porque assistimos muitas vezes à proclamação desse objectivo, sem que vejamos a sua aplicação prática. Ou seja, embora já se tenha consciência da necessidade da cooperação, as dificuldades na sua execução acabam por comprometer o projecto se não interiorizarmos a mais-valia de uma acção conjugada.

Foi assim que, além da indispensável colaboração do Ministério da Educação e da Fundação Internacional Carrefour, se sentiu necessidade de estabelecer uma cooperação com a Direcção-Geral de Reinserção Social, tendo em conta que grande parte dos jovens a quem se dirige o Projecto tinham já Processos Tutelares Educativos instaurados no Tribunal de Família e Menores. Foi assim que igualmente se entendeu dever ser chamada a intervir a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pois que se revelava necessária a participação das famílias desses jovens e os serviços locais da instituição já desenvolviam trabalho de apoio que tornava mais segura a actividade a desenvolver pelo IAC nesse âmbito.

Mas o verdadeiro segredo do êxito cremos ter sido a aposta numa visão inovadora da criança, como sujeito de direito e de direitos.

Confiar na capacidade do adolescente, reconhecendo-lhe o direito de participação, envolvê-lo no Projecto, contagiá-lo no entusiasmo da equipa de formadores, fazendo-lhe crer que o sucesso deste radica no êxito do seu próprio projecto de vida, esses são realmente os segredos chave dos bons resultados obtidos.

Os testemunhos dos adolescentes que, através do Projecto, viram poder contar com uma nova perspectiva de futuro patenteiam o bem fundado desta metodologia de intervenção.

E desta forma, o Guia contribui também para Dar Voz à Criança, que, desde sempre, tem sido um lema do Instituto de Apoio à Criança.

Numa altura em que tanto se fala da necessidade do “empowerment” para concretizar a mudança, é de assinalar esta atitude inovadora nas práticas do Projecto “Educar e Formar para Inserir”, porque elas traduzem afinal toda uma filosofia baseada na confiança mútua como caminho para a verdadeira autonomia.

E será da maior justiça recordar aqui Adelina Odete, a grande inspiradora do Projecto Rua, visto que esta metodologia se baseou afinal na sua inovadora visão de uma abordagem, em que o apoio personalizado e o envolvimento do jovem e da sua família eram essenciais para uma alteração no seu percurso, porque como dizia, “estes jovens não nasceram marginais”.

Mas esta apresentação não cumpriria igualmente a sua função se não homenageássemos também aqui o Dr. Coelho Antunes, Vice-Presidente do IAC, que se apercebeu das potencialidades deste Projecto e o valorizou, a ele se tendo ficado a dever as múltiplas diligências pelo estabelecimento das parcerias e a sua promoção além fronteiras, contribuindo decisivamente para a dimensão que a sua concretização alcançou.

Também devemos palavras de reconhecimento à Dr^a Matilde Sirgado e à sua equipa que se entregaram a este Projecto e souberam ser fiéis à filosofia do Instituto de Apoio à Criança.

Por fim, será indispensável uma referência à Presidente do IAC, Dr^a Manuela Eanes, que desde a primeira hora acarinhou e compreendeu a importância deste Projecto, divulgando-o em todas as ocasiões, enaltecendo as qualidades de todos os intervenientes e difundindo a sua metodologia como exemplo de bem-fazer.

Dulce Rocha

Presidente Executivo do Instituto de Apoio à Criança

PREFÁCIO

O Projecto Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de marginalidade, criado em 1989, pelo Instituto de Apoio à Criança, foi o único projecto inovador aprovado em Portugal ao abrigo do 3º Programa de Luta Contra a Pobreza.

Surgiu para intervir junto das Crianças que vagueavam e dormiam pela Rua, nas grelhas do metropolitano, cometendo actos ilícitos e/ou vivendo de pequenos expedientes, estando a “descoberto” de todos os serviços institucionalizados.

Indo ao encontro da Criança/Jovem, aliando afectividade e técnica, com equipas multidisciplinares, onde os Animadores de Rua desempenharam o papel preponderante; assim se procurava abordar e estabelecer confiança com as Crianças e Jovens de Rua, motivando-as para um projecto de vida saudável e possibilitando a reinserção na Família e na Comunidade de Residência, num processo educativo em regime aberto.

A realidade de hoje é diferente, passados quase 20 anos desde o início do Projecto. Já não podemos falar de Crianças de Rua (porque praticamente já não existem), mas temos outro tipo de problemáticas, igualmente merecedoras da nossa preocupação.

A violência juvenil, marcada por actos de vandalismo, agressões, roubos, homicídios, etc. nas escolas e na sociedade, vai surgindo em destaque na comunicação social. Salvaguardando algum exagero dos media, inerente à busca de sensacionalismo através destas notícias, elas não deixam de ser preocupantes. Sabemos que a esmagadora maioria das Crianças e Jovens autores destes actos têm histórias de vida marcadas por maus-tratos, violência, carências de várias ordem e insucesso escolar traduzem, frequentemente, processos de rejeição e de exclusão (familiar, institucional e social).

Muitas vezes o próprio sistema educativo, com currículos desajustados às necessidades, interesses, capacidades das Crianças e Jovens, podem favorecer uma “inclusão segundo uma lógica de ex-

clusão". A Criança/Jovem sente e vive ainda a exclusão quando é rejeitada pelos próprios colegas e, por alguns professores, por não pertencer ao mesmo estrato social, não ser da mesma "cor", não vestir as mesmas "marcas", não tirar os mesmos "elevados" ou "Excelentes". Estas Crianças/Jovens tenderão a verem-se vítimas de contínuas perseguições e a desenvolver mecanismos de defesa e sobrevivência. Tudo começa a funcionar em espiral e a violência tende a perpetuar-se.

A Criança/Jovem rejeitado e excluído, procura possíveis respostas ou saídas para a sua situação: entra num grupo onde se sinta mais aceite e mais igual, onde não seja recriminado, onde se sinta valorizado pelos seus actos "heróicos" ou, procura ainda, fugas como a droga, o álcool, etc.

Tendo sempre como enfoque este tipo de grupo-alvo, o Projecto Rua procurou, ao longo da sua existência, desenvolver acções e boas práticas centradas na educação e formação.

As experiências no campo da educação pautaram-se por projectos e acções variadas como a Escola de Rua, designada por Clube Tejo, o projecto Escola e Comunidades em Movimento, o trabalho em parceria com o Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PETI), o acompanhamento escolar de Crianças/Jovens e o Projecto Aprender na Rua.

O Clube Tejo foi uma acção desenvolvida com o apoio do Ministério da Educação que tinha como principal característica o destacamento de professores, os quais integravam as equipas de rua.

O objectivo era efectuar um contacto privilegiado com a criança/jovem, indo ao encontro da realidade (Rua) e, aí, tentar passar e aplicar conteúdos escolares de modo a motivá-los para a sua reintegração na escola.

Mais tarde, e através da ligação do Projecto Rua com as escolas, surgiu numa das comunidades, o Projecto "Escola e Comunidades em Movimento". Esta parceria visava a articulação permanente da informação e acompanhamento, a rentabilização de recursos materiais e humanos, o estabelecimento da ligação entre a escola e as famílias e o envolvimento destas na realização de actividades extra-curriculares.

Foi importante a actividade dos Animadores de Escola. Estes surgiram como forma de estabelecer a ligação escola/comunidade e de promover o sucesso escolar, diminuindo os comportamentos desa-

justados e o abandono escolar. A figura do Animador de Escola foi reconhecida como mediador cultural (Despacho nº 304/98, de 24 de Abril, do Ministério de Educação Trabalho e Solidariedade).

No que respeita à parceria com o PETI, realçamos a colaboração ao nível do diagnóstico, sinalização e encaminhamento de crianças e jovens em risco e do desenvolvimento de acções específicas de prevenção da exploração do trabalho infantil.

O acompanhamento escolar tem vindo a ser uma acção regular e que vai além do apoio escolar diário. Traduz-se, acima de tudo, em reuniões com os professores, onde é feita a avaliação do aluno e se trocam algumas informações sobre o jovem e a sua situação social. Outra das nossas acções é a devolução do percurso escolar que é transmitida tanto ao jovem como à família. Este tipo de acompanhamento tem-nos permitido aproximar e sensibilizar os professores para a realidade da comunidade onde se inserem, bem como transmitir a algumas famílias e jovens a importância da qualificação escolar no projecto de vida destes.

Por outro lado, com o Acção "Aprender na Rua" pretendemos intervir na prevenção e resolução/encaminhamento de situações de risco, de crianças a descoberto de respostas institucionais e/ou em complementaridade com os recursos existentes. Utilizando como recurso a Unidade Móvel Lúdico-Pedagógica, promovemos a ocupação saudável das crianças/jovens dos 6 aos 14 anos, que se encontram na rua, no Bairro, em situação de abandono ou absentismo escolar.

À semelhança do que aconteceu no passado, quando a sociedade foi desperta para a existência de crianças de rua, hoje o IAC trava uma nova batalha, despertando consciências e revelando um novo olhar e uma nova forma de intervir sobre esta problemática.

Assim surge o Projecto Educar e Formar para Inserir, assente em metodologias adaptadas, com base em planos individuais e sempre numa lógica de parceria. Destina-se a jovens entre os 12 e 18 anos, com os quais se pretende desenvolver competências pessoais, emocionais, sociais, escolares e profissionais.

O maior esforço, a maior atenção destes percursos alternativos de educação e formação é desenvolver nos jovens competências que os levem a alterar comportamentos de violência, indisciplina, que os conduzem à marginalidade e reproduzem a situação de exclusão social em que muitos deles nasceram, cresceram e vivem.

A nossa Instituição acredita que todos, de mãos dadas, num envolvimento sinérgico e sincero, podemos difundir informações, criar e adaptar metodologias, promover formação para desenvolvimento de capacidades: tudo em prol da defesa e promoção dos Direitos da Criança.

Neste sentido, algumas metodologias apresentadas neste Guia apontam mudanças e até saltos de qualidade, protagonizados por algumas das Crianças/Jovens no percurso que vêm trilhando.

Alguns valores distanciados do seu mundo anterior, são, agora, apontados como instrumentos fundamentais para viabilizar o sonho de crescimento pessoal, de qualidade de vida.

Para alguns, nasce, agora, o desejo de socializar os “benefícios” adquiridos no Projecto Rua e o de ter reconhecimento social, substituindo a imagem de marginalidade anterior.

Este Guia destina-se a todos aqueles que acreditam na educação como o mais poderoso instrumento para a promoção da igualdade.

Matilde Sirgado

*Coordenadora Geral do sector Projecto Rua - Em Família para Crescer
do Instituto de Apoio à Criança*



1. INTRODUÇÃO

“Não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também por aquilo que deixamos de fazer”

Molière

Numa sociedade em permanente mutação, muitos são os desafios que se apresentam a todos os profissionais, em particular aqueles que desenvolvem o seu trabalho na área do social. A velocidade a que decorrem e se alteram os fenómenos sociais constitui, por si só, um fenómeno característico da sociedade contemporânea.

Quando focalizamos a nossa intervenção em adolescentes que entraram em ruptura com a sociedade, o desafio é ainda maior.

“... pensava que a vida era só curtir, vadiar, tar com os amigos, irmos roubar. Pelo menos para aliviar o stress... íamos à loja e roubávamos, sem necessidade. Porque a gente roubava só por gosto de ver a pessoa a mandar vir, a gente gozava com as pessoas. Era só por gozo, era o divertimento do dia a dia...”

História de
vida...
esboço de um
percurso
marginal...

Falamos de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade, que diariamente fazem da rua o seu espaço de aprendizagem. Adolescentes que, por motivos inerentes à sua própria história de vida, não tiveram oportunidade de aprender a “viver com o outro” e o seu sofrimento espelha-se na única linguagem que conhecem: a agressividade, a violência, a dor... a expressão das suas emoções e dos seus sentimentos torna-se a sua faceta mais visível; os desvios comportamentais, os abandonos escolares após um insucesso continuado e a prática de actos ilícitos configuram o esboço de um percurso marginal.

“... eu não abandonei a escola, eles é que me mandaram p’ra fora.”

Uma resposta
alternativa.

Assim surgiu o Projecto “Educar e Formar para Inserir”, uma experiência que nasceu da necessidade de se encontrar uma resposta para a (re)inserção social dos jovens que abandonaram a escola e iniciaram uma vida de ociosidade.

“... eu andava na escola mas não era bem andar... tipo ia, não ia, ia, não ia! Era sempre assim... já não me queriam lá.”

Jovens que apresentavam comportamentos desviantes e/ou se encontravam numa situação de perigo. Expulsos pelo seu comportamento, acabam sem respostas pela sua idade e/ou habilitações o que vai reforçando um percurso de vida que os conduz à entrada no sistema judicial.

Tornou-se urgente colmatar a lacuna existente nos recursos de inserção destes jovens de forma a interromper percursos marginais e prevenir maiores danos no futuro. Pretendeu-se desde o início do Projecto, que esta fosse uma acção em benefício da sociedade como um todo, levada a cabo em estreita coordenação com os poderes públicos e privados.

Estreita coordenação entre os poderes públicos e privados.

Não podemos deixar de destacar o importante papel de um dos parceiros internacionais do IAC, a ESAN (Rede Europeia de Acção Social) da qual o Vice-Presidente do IAC é membro da Direcção e que nos conduziu à Fundação Internacional Carrefour, entidade que financiou o Projecto.

Neste sentido, foram estabelecidos Protocolos com o Ministério da Educação – Direcção Regional de Educação de Lisboa, com a Escola Secundária D. Dinis, com o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social – Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PETI) e com a Fundação Internacional Carrefour. Também foram estabelecidas estreitas parcerias, que de entre outras destacamos: o Ministério da Justiça – Direcção Geral da Reinserção Social e Tribunal de Família e Menores de Lisboa – Equipa de Apoio Técnico ao Tribunal de Lisboa; a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Lisboa Oriental; a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Equipas de Apoio a Famílias com Crianças e Jovens em Risco e vários serviços de saúde mental.

Assente numa lógica de parcerias.

A aposta na inserção económica e social pela educação e formação destes jovens constituiu, desde o início, um desafio.

A inserção económica e social pela educação e formação.

O presente guia tem como objectivo, partilhar e disseminar a metodologia testada no âmbito do Projecto “Educar e Formar para Inserir” promovido pelo IAC – Projecto Rua e que se tem desenvolvido, desde 2005, na zona Oriental de Lisboa, abrangendo as freguesias de Marvila, Beato e Santa Maria dos Olivais.

Para melhor compreensão das metodologias apresentadas, ao longo deste guia, consulte a documentação disponível na última parte sobre Instrumentos Técnicos.



2 • os DESTINATÁRIOS

“Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”
Pitágoras

2.1. PERFIL DE ACESSO

Porque se pretendia que o Projecto Educar e Formar para Inserir fosse uma resposta alternativa às respostas existentes e viesse colmatar a lacuna identificada, foi a partir do conhecimento da realidade do terreno, do contacto directo com os jovens na rua e dos recursos existentes, que se traçou o perfil de acesso, onde foram estabelecidos os seguintes critérios de admissão de candidatura:

Conhecimento
da realidade do
terreno.

- Ter idade compreendida entre os 12 e os 18 anos;
- Estar em situação de abandono escolar;
- Ter 2 ou mais retenções no seu percurso educativo;
- Não ter a escolaridade obrigatória;
- Terem sido esgotadas todas as respostas de integração na área da educação e formação;
- Estar em situação de risco e/ou apresentar comportamentos desviantes.

2.2. CRITÉRIOS DE PRIORIDADE

Tornou-se, também, necessário estabelecer critérios de prioridade para a selecção dos candidatos, pois desde o início que temos uma média de candidaturas 3 vezes superior ao número de vagas existente. Assim, pretendeu-se conjugar oportunidade com viabilidade.

Oportunidade:
A última
hipótese do
jovem.

A oportunidade encarada como a última hipótese do jovem que se encontra no final da linha de fronteira, onde já tudo falhou, expulso de outras oportunidades às quais não conseguiu corresponder, sem objectivos de mudança e sem rumo, vacila entre aquilo que sabe que não quer (normalmente o Centro Educativo ou outra medida de contenção) e uma falsa liberdade sem opções de escolha, acabando por reforçar comportamentos desviantes e condutas anti-sociais, como se do destino se tratasse, um ciclo vicioso que se alimenta a si mesmo... É este ciclo que pretendemos quebrar, são estes percursos que pretendemos interromper.

Viabilidade:
Disponibilidade
do jovem, da
família, e
parceiros.

A viabilidade pressupõe que existe o mínimo para a equipa conseguir intervir. Por um lado, a disponibilidade do jovem que, mesmo sem demonstrar a motivação desejável, tem que se dispor a fazer o esforço necessário para a mudança, ele tem que querer ter

esta oportunidade. Por outro lado, a disponibilidade dos parceiros que intervêm na situação, seja ao nível da intervenção junto do agregado familiar, seja ao nível do acompanhamento de medidas aplicadas ao jovem, de promoção e protecção e/ou tutelares educativas ou ainda nas sanções penais, no que respeita à sua reinserção social.

“... roubamos um carro para fazer os assaltos... tivemos um acidente e morreu uma pessoa... é uma coisa que não se esquece!”

A admissão dos candidatos é sempre aferida com os parceiros que são envolvidos desde o primeiro momento, ainda numa fase de triagem, antes de dar início ao processo de selecção onde são analisadas, caso a caso, as situações em que cada jovem se encontra, priorizando as situações em que a integração no Projecto Educar e Formar para Inserir irá permitir um projecto alternativo a uma medida de contenção ou reclusão, facilitando a mudança de comportamentos e atitudes “em meio natural de vida”.

Assim, de forma simplificada, estabelecemos como critérios de prioridade:

- A existência de factores de risco/comportamentos desviantes e o grau de exposição/envolvimento do jovem;
- Possibilidade de estagnar e/ou reverter a situação de exposição/envolvimento do jovem;
- Jovens já em acompanhamento por outros parceiros intervenientes, numa perspectiva de complementaridade na aplicação do plano de inserção.

2.3. O PERFIL DOS FORMANDOS

A análise das características apresentadas pelos jovens formandos abrangidos pelo projecto, permitiu-nos traçar um perfil:

- Elevado défice na socialização familiar e escolar;
- Prática de actos ilícitos;
- Dificuldade ao nível da aceitação e/ou cumprimento de regras;
- Historial escolar em retenções e insucessos sucessivos e com processos disciplinares por desrespeito pelas figuras de autoridade;

- Elevado défice ao nível da capacidade de atenção/concentração;
- Recurso a comportamentos de agressividade verbal e por vezes física, quando chamados à atenção pelo seu comportamento e/ou na resolução de conflitos;
- Baixa auto-estima e intolerância à frustração.

Estas características fazem prever os desafios imensos que se colocam diariamente a toda a equipa do Projecto, a todos os formadores. Se a estas características juntarmos as situações que envolvem o jovem no momento de entrada, quer ao nível da sua relação com a justiça, quer ao nível da sua situação familiar e pessoal, percebemos rapidamente que estes desafios duplicam e que a vida destes formandos se pode visualizar como um remoinho de acontecimentos constantes onde se torna difícil parar para pensar, onde agir se tornou quase como que um instinto de sobrevivência, onde o grupo de pares é, normalmente, o seu “habitat natural” com o qual se identificam e onde verdadeiramente se sentem em casa.

“... Foi sorte a gente não o ter morto... um gajo sozinho não é capaz de fazer isso, mas em grupo a cabeça pensa d’outra maneira.”

2.4. A FAMÍLIA DOS FORMANDOS

Considerando que a família é o meio privilegiado para um desenvolvimento equilibrado e harmonioso, onde a aprendizagem dos afectos e das emoções têm destaque, não podemos deixar de olhar para o meio familiar onde os jovens, de que falamos, se encontram.

“Não me lembro de alguma vez o meu pai me ter dado carinho... um abraço ou assim...”

Caracterizar e identificar a dinâmica familiar dos formandos, é uma das metas estabelecidas pela equipa do Projecto Educar e Formar para Inserir.

Podemos constatar que a maioria dos jovens reside com a família biológica, considerando aquelas situações em que não vivem com nenhum dos progenitores mas que estão integrados em agregados familiares com relação de parentesco.

A vida...
Um remoinho
onde se torna
difícil parar para
pensar.

Família...
Aprendizagem
dos afectos e
das emoções

“... quando vi o meu pai na sala (Tribunal) nem sabia quem era... só depois de ele começar a falar. Não podia ficar calada, tive que dizer ao Juiz que ele não era ninguém para falar de mim. Ele não me conhecia, nunca me tinha visto!...”

Quanto à tipologia dos agregados familiares observamos que, apesar de as famílias reconstituídas e/ou alargadas se apresentarem em número significativo, existe uma predominância da família monoparental (essencialmente feminina).

A existência de factores de risco grave nestes agregados familiares tem uma forte presença. A negligência, os comportamentos desviantes, os roubos/furtos, os maus-tratos psicológicos, o alcoolismo e o abandono, são aqueles que assumem uma maior incidência.

Factores de Risco...
Uma forte presença.

Relativamente ao tipo de relações estabelecidas entre o agregado familiar e os formandos, podemos identificar uma dinâmica familiar marcada pelo conflito intra-grupal, pela deficiente comunicação entre os vários membros do agregado e pelo ambiente de agressividade existente nas interações estabelecidas entre todos os elementos da família.

. Conflito;
. Deficiente comunicação;
. Ambiente de agressividade...

A existência de consumos de substâncias que provocam alterações de consciência é também muito significativa nas famílias, o que se traduz numa vivência quotidiana difícil e bloqueadora de um desenvolvimento harmonioso e emocionalmente equilibrado e gratificante para estes jovens.

“... o momento mais doloroso da minha vida foi quando o meu pai atacou a minha mãe com um machado...”

Paralelamente, verificamos a ausência e/ou uma grande dificuldade dos adultos, em impor limites e regras, não só aos jovens formandos mas também às crianças e outros jovens do agregado. Por outro lado, verificamos que a maioria dos formandos não reconhece os adultos do seu agregado, como figuras de autoridade. Nalguns agregados, assiste-se mesmo ao “fenómeno da inversão de papéis”, em que são os jovens que assumem a protecção e os cuidados diários do “adulto responsável”. Este fenómeno manifesta-se de forma mais frequente nas famílias mono parentais femininas.

“... assustei-me muito, quando entrei no quarto e vi a minha mãe estendida no chão... tomou veneno para os ratos com vinho... fui eu que

chamei a ambulância e tratei de tudo... ela não tem mais ninguém... está sempre bêbeda.”

2.5. A RELAÇÃO COM A JUSTIÇA

No que respeita à relação dos jovens com a justiça, podemos constatar que praticamente a totalidade dos formandos, tem processo a decorrer nesta área.

Esta é uma variável significativa na compreensão do percurso de vida destes jovens e na forma como eles se sentem e se posicionam na sociedade.

“... lá no Centro estive 2 anos... foi muito difícil... chorei muitas vezes, mas depois passado um tempo a gente esquece... aí é que é mau... fazemos porcaria outra vez...”

Não pretendendo fazer uma análise desta variável, é nossa intenção lançar pistas para a reflexão de alguns factos constatados.

Estas pistas são resultado do trabalho diário da equipa do Projecto, onde a abordagem técnica multidisciplinar e a especificidade única de cada um de nós enquanto pessoa, permite a partilha e a visualização de diferentes perspectivas, olhares e sentires, de longos debates em reuniões de equipa e de confrontos construtivos que, invariavelmente, conduzem ao crescimento de todos nós enquanto profissionais e enquanto pessoas. Sendo esta atitude uma metodologia presente no Projecto Educar e Formar para Inserir, não podemos deixar de partilhar algumas dessas pistas como um contributo para a reflexão de outras equipas e de outros interventores sociais/companheiros de viagem, nesta caminhada.

As afirmações que se seguem, poderão parecer uma “verdade à La Palisse” mas são factos constatados no Projecto Educar e Formar para Inserir.

- O jovem agressor foi uma criança vítima;
- O maltrato, a negligência grave e a exposição à violência, aparecem, de forma predominante, nas situações de vitimização;
- O roubo, o assalto com recurso à violência e as agressões, surgem como os delitos mais comuns;
- O jovem agressor tem muita dificuldade em aceitar que fez de alguém uma vítima;

Justiça...
Uma variável
significativa na
forma como
se sentem e se
posicionam na
sociedade.

- Nos jovens com Processo Tutelar Educativo e/ou Penal, o medo de reclusão é o sentimento que prevalece e não o reconhecimento de que o facto praticado (crime), é um comportamento anti-social;
- A maioria dos jovens verbaliza que, em grupo, são capazes de "fazer coisas" que nunca fariam sozinhos.

O desafio é fazer uma abordagem empática, focalizada na (re) construção da identidade do jovem (não nos seus actos) e não uma abordagem crítica ao sistema e/ou às políticas sociais implementadas.

Abordagem empática...
Descobrimo
todo o potencial
escondido.

É necessário fazer uma viagem ao passado para caminhar até ao presente. Depois, é partir rumo ao futuro, juntamente com o jovem, descobrindo todo o potencial escondido, valorizando as suas qualidades e estabelecer, como prioridade, uma relação pedagógica construtiva e gratificante, onde se pretende criar oportunidades para a recompensa e para o elogio, onde o jovem sinta que o seu esforço é reconhecido e apreciado. "... às vezes é difícil encontrar a palavra justa e a atitude adequada, mas basta um gesto, um olhar, um sorriso, um aceno de cabeça... para estimular o que de mais positivo possuímos".¹

2.6. OS FACTORES DE EXCLUSÃO

No que respeita aos factores identificados de exclusão das respostas existentes, na área da educação e formação, dos formandos integrados no Projecto, destacamos:

- O Factor Comportamental:

Falamos de jovens que estiveram integrados no sistema mas que, por questões comportamentais, acabaram sempre por ser expulsos, normalmente pelo recurso à violência em situações de conflito (tanto com o grupo de pares como com os adultos).

Estas expulsões reiteradas de vários locais e modalidades de ensino e/ou formação, acabaram por esgotar as oportunidades e entraram em ruptura com o sistema educativo/formativo.

¹ Ferreira, P.T., *Reinventar a Criatividade – Dirigentes em Tempo de Mudança*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

“Eu estudava só que depois fui expulso, fiz porcarias. Ah, como hei-de explicar?!”

Assaltava a escola, vinha para a rua... maltratava os colegas, perturbava as aulas... a escola...

E depois olha, deu no que deu. Fui expulso!”

- O Factor Idade/Habilitações Escolares:

Nesta situação, incluem-se os jovens que se encontram na faixa etária entre os 14 e os 17 anos de idade, em que a maioria só tem o 1º Ciclo. Para os jovens nestas condições existem escassas respostas ao nível da educação e formação e a situação de exclusão agrava-se, quando acumulam o factor comportamental.

“... eu andava na escola, estava no 5º... os meus amigos faltavam e eu fazia o mesmo... assaltar os putos à saída da escola...”



3 • PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

“Dá-me um ponto de apoio e moverei o mundo.”

Arquimedes

Cidadania:
o primeiro
passo para a
inclusão social.

Podemos dizer que os destinatários deste Projecto foram, também, intervenientes activos na sua concepção, pois foi a partir da experiência e do contacto directo com estes jovens na rua, que se sonhou e se delineou o esboço do Projecto Educar e Formar para Inserir.

Pretendíamos construir um Projecto que se apresentasse como uma modalidade diversificada, flexível e complementar, face às modalidades existentes. Pretendíamos, também, garantir as condições de enquadramento para um bom desempenho em todo o processo educativo/formativo, por forma a atingir a mudança de comportamentos e atitudes, pelo acompanhamento social, pela consolidação e o reforço das competências pessoais e sociais e pela aquisição de competências educativas/profissionais. Desde o início, tivemos como principal preocupação educar para o direito e para a cidadania, pois acreditamos que este é o primeiro passo para a inclusão social.

Um caminho a
percorrer...
passo a passo.

Acreditamos que a inclusão social destes jovens é um caminho a percorrer em conjunto, passo a passo, com o jovem, envolvendo a sua família e em parceria com todos aqueles que, directa e/ou indirectamente, possam contribuir para esta caminhada.

Partindo destas premissas e porque se trata de uma problemática multifacetada, o Projecto foi estruturado para funcionar em três frentes de intervenção, designadas neste guia por componentes, distintas e complementares entre si mas em constante interacção, constituindo, por si só, uma "chave metodológica".

Constante
interacção entre
todas as com-
ponentes.

É da responsabilidade da equipa do Projecto, estabelecer uma ponte com todos os intervenientes e mediar a interacção entre todas as componentes.

A Componente Pessoal - assente no princípio "Ser para Socializar", onde a partir da relação personalizada com o jovem, lhe é dada a oportunidade de (re)construir o seu percurso e de (re)aprender a interagir com os outros e com a própria vida.

A Componente Teórica - assente no princípio "Adquirir para Validar", substituindo a ruptura com a escola, pelo gosto de aprender.

A Componente Prática - assente no princípio "Inserir para Formar", vivenciando a realidade do mundo do trabalho e reforçando as competências trabalhadas.

Um dos princípios metodológicos que destacamos é a vivência de reais parcerias entre o económico, o social e a existência de uma

intervenção integrada, onde são elaborados, executados e avaliados, planos individuais para cada formando, com base no contributo do próprio, da família, da equipa e dos parceiros.

Plano Individual...
Assente numa
lógica de
parceria.

“... o meu pai só diz que eu não faço nada bem feito! Já não me dá porrada... mas é sempre culpa minha tudo o que acontece de mal... até quando foi despedido...que culpa tenho eu?”

Estamos convictos que, sem esta conjugação de esforços, dificilmente se conseguirá uma intervenção eficaz que conduza a uma mudança na forma de estar na vida, destes jovens e das suas famílias, tornando-os agentes do seu próprio desenvolvimento e indivíduos com participação activa na vida social e económica do seu país.

Estrutura de
acompanha-
mento psicos-
social em todo
o processo.

Assente numa lógica de parcerias, realça-se a existência de uma estrutura de apoio/acompanhamento psicossocial em todo o processo desde a candidatura do jovem até à sua inclusão social após conclusão da formação.

“Aqui fazemos muita coisa, é bom... e aqui na formação, apesar de ser tudo com jogos e na brincadeira, aprendemos muita coisa... muitas cenas que antes não pensava...”

Pela experiência adquirida, acreditamos que para interromper percursos de vida marginal e abrir caminhos que possibilitem dar um novo sentido à vida destes jovens, qualquer projecto deve contemplar estas três vertentes, pois só assim é possível, a estes jovens, fazerem aprendizagens nunca imaginadas, vislumbrarem futuros antes desconhecidos e terem a oportunidade de fazer novas opções de vida.

Dar um novo
sentido à Vida.

“O meu desejo é para continuar. Antes não pensava duas vezes, fazia e depois se estivesse mal, continuava a dar mal, porque eu não dava um passo atrás e nem pedia desculpas, nem nada.

Agora sei que se fizer mal posso chegar ao pé das pessoas e depois pedir desculpas, e não voltar a fazer. E, não é só dizer de boca para fora, é fazer também.”

3.1. COMPONENTE PESSOAL

“Procuremos acender uma vela em vez de amaldiçoar a escuridão”

Provérbio Chinês



Ser para
Socializar.

É na Componente Pessoal que a equipa do Projecto acredita que está o maior factor potencial de sucesso. Não pretendemos com isso, minimizar a enorme importância das competências escolares e profissionais, mas acreditamos que só é possível percorrer um caminho, depois de se aprender a andar.

A metodologia aplicada permite uma dinâmica constante entre as várias aprendizagens, onde a prática, o lúdico e as actividades de ar livre, são ferramentas pedagógicas de base, para quem vivencia uma nova forma de estar na vida.

“Ao princípio achava uma seca, vinha por obrigação, é uma cena diferente, bacano, não é só escola... é aquela cena dos jogos e do trabalho... assim tipo um estágio que a gente trabalha para aprender...temos que fazer as coisas como os que estão lá a trabalhar sério.... Eu acho bom ser assim coisas diferentes. Isto deu-me grande influência da vida. Eu achava que a vida era só curtir, roubar, fazer as minhas coisas assim. Agora penso doutra maneira... Eu sei que para termos as nossas coisas precisamos conquistar o amor das pessoas, a confiança principalmente e sermos bem educados, tou-me a dar bem, gosto de estar aqui, ficar aqui.”

Intervenção
articulada com
os parceiros na
resolução dos
problemas.

É aqui que se inicia o acompanhamento psicossocial, pela motivação para a aquisição de competências, potencializando a sua capacidade relacional e afectivo-emocional, no aprofundamento do diagnóstico, no envolvimento da família no processo e da intervenção articulada com os parceiros na resolução das situações-problema, criando condições para que os jovens possam fazer as aprendizagens necessárias ao longo do seu percurso.

“... foi quando começaram os problemas lá em casa, eu fiquei muito nervosa e os nervos levaram-me a abandonar a escola...”

Esta componente do Projecto, compreende todo o Processo de Selecção, a aplicação de um Programa de Treino de Competências Pessoais e Sociais e o Acompanhamento Psicossocial, em estreita sintonia com todos os parceiros e com a família do formando.

Também é feito o acompanhamento do jovem, após a conclusão da formação, na fase de inserção no mercado de trabalho e/ou na continuidade dos estudos/formação profissional especializada, contemplando um despiste vocacional e um módulo de formação para a entrada no mundo do trabalho.

3.1.1. O PROCESSO DE SELECÇÃO

O processo tem início com a sinalização, por parte dos parceiros, de jovens candidatos ao Projecto e que apresentam o perfil de acesso. É estabelecido desde logo, um compromisso de intervenção integrada entre todos os parceiros envolvidos na situação.

Após a recepção das candidaturas, é feita a triagem e a selecção dos potenciais candidatos. Nesta fase, recorremos a reuniões prévias com a entidade sinalizadora e com os outros parceiros que se encontram a intervir na situação, de forma a conseguirmos definir quais as situações prioritárias.

“... se não forem vocês, não há mais nada para ele... já foi expulso de todo o lado.”

Alguns dos critérios de prioridade estabelecidos prendem-se com a especificidade da situação de perigo em que o jovem se encontra e/ou da gravidade dos comportamentos desviantes que apresenta. Neste último critério, tem-se revelado bastante importante, a integração de jovens com processos tutelares educativos, cuja avaliação dos técnicos que os acompanham, considera ser adequada a sua integração numa acção de formação, em alternativa à institucionalização em Centro Educativo, especialmente quando estes jovens chegam até nós com várias tentativas de integração em formação falhadas, seja pela enorme dificuldade no cumprimento de regras, pela fraca assiduidade ou pelo desrespeito por figuras de autoridade. Para estes, o Projecto tem funcionado como a última das oportunidades.

“... Agora tenbo que pensar na vida... tenbo que estudar, só tenbo o 5ºano, foi a Dra. que me disse... senão vou para um centro...”

Posteriormente, é realizada uma entrevista de selecção com o jovem candidato, que tem por base um guião concebido com o intuito de perceber, não só, a motivação do jovem para a frequência do Projecto, mas também o seu percurso de vida, de momentos marcantes, ao nível pessoal, familiar e escolar, tentando identificar os factores que o precipitaram para o caminho que percorre no presente.

“... gostava de ser patrão... essa cena de empresário, de ser rico e ter muito dinheiro, assim não precisava de trabalhar...”

É neste momento que se estabelece com o jovem um compromisso/desafio.

Também damos especial importância às suas expectativas relativamente ao futuro e que são normalmente altas e pouco realistas. Por isso, consideramos imprescindível que desde o primeiro momento, se faça a gestão dessas expectativas sem “derrubar sonhos”, motivando o jovem para experimentar uma nova perspectiva na forma de olhar para esse sonho, mostrando-lhe que é possível alcançá-lo e que um dos nossos objectivos é fazer essa caminhada em conjunto com ele, passo a passo, estabelecendo metas, partilhando as dificuldades e os sucessos. É neste momento da entrevista que se estabelece com o jovem um compromisso/desafio, exigindo-lhe a disponibilidade e vontade para fazer o esforço pessoal necessário, caso venha a ser seleccionado para integrar o Projecto.

É também durante a entrevista de selecção que o jovem é informado sobre o Projecto, as suas componentes, os conteúdos programáticos, o sistema de avaliação, a informação sobre o seu percurso educativo/formativo à família e aos parceiros e também sobre os métodos pedagógicos adoptados, em particular, na aplicação do Programa de Treino de Competências.

A família é envolvida desde o primeiro momento.

“... se as senhoras acham que vão fazer alguma coisa dele... eu vim só porque a minha assistente me mandou mas eu já disse a ela que não acredito em mais nada, ele já está perdido... é um bandido porque quer...”

A família é envolvida desde o primeiro momento, solicitando o acompanhamento do candidato à entrevista de selecção. Consoante as situações, esta entrevista é realizada de forma flexível, ponderando caso a caso, a vantagem de ser realizada em separado e/ou em conjunto com o(s) familiar(es) que acompanham o jovem.

3.1.2. O PROGRAMA DE TREINO DE COMPETÊNCIAS

Este programa foi estruturado com base no perfil característico destes jovens e as competências básicas necessárias para uma vida socialmente inclusiva.

A aplicação deste programa é feita com o recurso a dinâmicas de grupo e à dinamização de actividades lúdico-pedagógicas e de ar livre, como processo facilitador da aquisição de competências pessoais e sociais.

Reflexão sobre a necessidade de estabelecer regras de convivência.

Todos os jovens seleccionados para integrarem o Projecto, iniciam a sua formação nesta componente pessoal, com sessões de preparação para a sua integração no grande grupo. Logo nas primeiras sessões, os formandos são conduzidos à reflexão sobre a necessidade de estabelecer regras de convivência nos locais da formação e é (re)construído um regulamento. Pretende-se que os formandos sintam estas regras como suas ao elaborarem uma listagem de comportamentos e poderem dar o seu contributo ao que outros formandos construíram.

Falamos em (re)construção porque o grupo de formandos não é estático. Os formandos vão progredindo de forma individual, de acordo com o esforço pessoal realizado e pelo desempenho alcançado. Por este facto, e porque se pretende manter um grupo constante de 25 formandos, sempre que surgem vagas, entra-se em processo de selecção para preenchimento do número de vagas existente.

Os formandos vão progredindo de forma individual.

As sessões de formação estão preparadas com variáveis que contemplam a flexibilidade necessária para as características de cada novo grupo, como é o exemplo da maior ou menor facilidade de exposição e também em relação à dimensão do grupo, que varia consoante as vagas e que podemos ter um grupo constituído por 5 ou por 12 elementos, limites mínimos e máximos estabelecidos como viáveis para a aplicação do programa.

Variáveis que contemplam a flexibilidade necessária para as características de cada grupo.

Pretende-se com a aplicação deste programa, que os jovens façam a aquisição e/ou o desenvolvimento de competências que lhes permitirá efectuar mudanças de comportamento e de atitudes face a si próprios e nas interacções que estabelecem com os outros.

“... agora é que a gente vê a importância dos jogos... é para aplicar na nossa vida... às vezes consigo, outras não... há coisas difíceis a gente controlar...”

Especial destaque aos sentimentos e às emoções.

O transfer das aprendizagens feitas para um outro contexto mais vasto.

As sessões de formação são sempre realizadas com o recurso a exercícios pedagógicos e a técnicas de dinâmica de grupo. O Roll-Play e alguns exercícios de situações problema em que se dá especial destaque aos sentimentos e às emoções, tem-se revelado uma estratégia eficaz para a concretização da mudança pretendida.

A capacidade de gestão das emoções e dos conflitos permite a adopção de comportamentos menos explosivos e a aquisição de novas atitudes perante os obstáculos. Estas sessões são realizadas em contexto sala e posteriormente ou em simultâneo, são reforçadas com actividades de exterior pretendendo-se que desta forma se inicie também, o transfer das aprendizagens feitas para um outro contexto mais vasto, a rua... o bairro... a sociedade em geral.

“... eu costumo fazer os jogos daqui com o pessoal lá do bairro... estão sempre a perguntar se tenho jogos novos, eles curtem bué... dizem que os faz pensar nas cenas...”

Deste programa também fazem parte as Sessões Temáticas, realizadas pela equipa do Projecto e/ou com o recurso a formadores externos e/ou entidades especializadas nas áreas em questão.

Estas sessões são preparadas com a colaboração da equipa e as temáticas abordadas são seleccionadas após se ter detectado a necessidade de informação/formação no grupo de formandos.

As temáticas que normalmente surgem nos grupos relacionam-se com a sexualidade e os afectos, com o consumo de substâncias psico activas e com o ilícito/sistema jurídico.

É possível verificar objectivamente o percurso do formando.

Nas sessões temáticas desenvolvidas pela equipa são utilizados, essencialmente, como meio/recurso pedagógico, PowerPoints elaborados pela equipa e a visualização/debate de filmes que abordem a temática pretendida e que se considerem adequados para o efeito pedagógico pretendido.

É importante salientar o sistema de avaliação do percurso do formando, no que respeita à aquisição e ao desenvolvimento das competências trabalhadas. Foi necessário construir grelhas de avaliação, numa escala de 4 níveis avaliativos, com indicadores

precisos, onde é possível verificar objectivamente o percurso do formando.²

Estas grelhas de avaliação estão informatizadas e são preenchidas semanalmente, o que permite à equipa fazer um retrato mensal do percurso de cada formando.

A avaliação dos formandos é feita trimestralmente. A avaliação do primeiro trimestre é considerada como diagnóstico/balanço das competências, pois constatamos que é normalmente durante o segundo mês, que os formandos já se sentem integrados no grupo e começam a revelar a sua verdadeira forma de estar e de agir, permitindo fazer um diagnóstico mais realista.

A avaliação do primeiro trimestre é considerada um diagnóstico mais realista.

Este sistema avaliativo contempla a auto avaliação por parte do formando e posteriormente, a devolução da avaliação feita pela equipa, ao formando e à sua família.

“... estou muito contente, desta vez ele já não tem nenhum vermelho... lá em casa também está melhor...”

A autoavaliação tem por objectivo verificar se o formando reconhece e distingue os comportamentos adequados dos inadequados. Com os parceiros também é feita a avaliação trimestral, não só do percurso do formando, mas também do ponto de situação em relação à intervenção integrada junto do jovem e da família, de acordo com o plano individual estabelecido, ajustando estratégias sempre que se considere pertinente. Existem algumas excepções de formandos que têm medidas aplicadas (sejam de promoção e protecção e/ou tutelares educativas) em que o ponto de situação com os parceiros poderá ter uma regularidade diferente; semanal, quinzenal ou mensal, conforme previamente acordado, por se considerar necessário por parte da entidade que aplicou a medida.

Ponto de situação em relação à intervenção integrada, de acordo com o plano individual estabelecido.

² O nível 1 (de 0 a 1,49) corresponde à cor vermelha e significa que o formando não fez a aquisição daquela competência/ tem que mudar aquele comportamento.

O nível 2 (de 1,50 a 2,49) corresponde à cor laranja e significa que o formando revela empenho para fazer a aquisição daquela competência/ tem que mudar aquele comportamento mas reconhece-se que está a fazer um esforço.

O nível 3 (de 2,50 a 3,49) corresponde à cor amarela e significa que o formando fez a aquisição daquela competência mas tem que desenvolver/ tem que melhorar aquele comportamento.

O nível 4 (de 3,50 a 4) corresponde à cor verde e significa que o formando fez o desenvolvimento daquela competência/ tem o comportamento desejado e deve mantê-lo.

Este sistema de avaliação informatizado, também permite à equipa, fazer uma rápida leitura do grupo de formandos e ajustar a intervenção, quer pelo reforço de alguma(s) competência(s), que se verifique estar a um nível abaixo do desejável na generalidade do grupo, quer junto de alguns formandos que apresentem níveis muito diferenciados do grande grupo, tornando-se necessário trabalhar competências específicas e delinear uma intervenção direccionada para essa especificidade.

É importante referir a existência de uma estratégia de reforço da motivação/persistência dos formandos, no âmbito da aplicação deste Programa de Competências e que se prende com a recompensa do esforço individual - a Actividade Prémio.

Trimestralmente, são seleccionados os formandos que durante aquele período tiveram um bom desempenho, destacando-se do grande grupo. Para os formandos premiados, é realizada uma actividade prémio, que se pretende que seja especial.

Uma das actividades prémio de maior sucesso, é a interacção com os golfinhos, possível pelo protocolo estabelecido entre o IAC e o Zoomarine.

O Projecto estabeleceu como mínimos exigíveis para a certificação do Programa de Treino de Competências que os formandos apresentem nível 3 e/ou 4 nas competências da responsabilidade, postura, resolução de problemas e conflitos.

Os certificados contemplam o nível atingido pelo formando no Programa e, em algumas situações, destacamos alguma(s) competência(s) em que o formando tenha revelado um desenvolvimento excepcional. No verso do certificado são identificados os módulos que compõem o programa e as horas de formação que o formando usufruiu em cada um deles.

3.1.3. ACOMPANHAMENTO PSICOSSOCIAL

O acompanhamento psicossocial é feito em estreita sintonia com a rede de parceiros, de forma integrada e com o envolvimento da família do formando.

É aqui que o plano individual, elaborado para cada formando, ganha maior relevância.

O plano é elaborado pela equipa após reunião com os vários parceiros que intervêm na situação, tendo em conta a especificidade

Actividade
Prémio:
uma estratégia
de reforço da
motivação/
persistência dos
formandos.

Mínimos
exigíveis nas
competências:
responsabilidade;
postura;
resolução de
problemas e
conflitos.

de cada parceiro e de acordo com o que ficou acordado na reunião, entre todos, por forma a não haver sobreposição de acções e respeitar o princípio da intervenção mínima tendo em atenção a privacidade do formando e da sua família. Após a elaboração, o plano é apresentado como proposta aos parceiros e é aferido com os mesmos.

Este plano contempla, de início, as metas que se pretendem alcançar com a intervenção, ao nível do formando e da sua família, de acordo com o diagnóstico existente, assim como as acções que cada um fica responsável por realizar. Trimestralmente, é feito o ponto de situação com cada parceiro, partilhando entre todos as metas alcançadas e os obstáculos/dificuldades encontradas.

O Plano Individual contempla as metas que se pretendem alcançar com a intervenção, ao nível do formando e da sua família, de acordo com o diagnóstico existente.

“... tomei os comprimidos da minha mãe, tomei todos... eu só queria adormecer e não acordar... não queria morrer.”

Sempre que se revela necessário, é redefinido o plano individual e são delineadas novas estratégias de intervenção integrada, o que pode acontecer a qualquer momento, bastando que exista o alerta, por parte de qualquer um dos parceiros, para uma situação de urgência ou novos factos que impliquem uma mudança no plano individual do formando. As situações que têm surgido são, na sua maioria, provocadas por alertas da equipa e prendem-se com novos factos detectados em relação aos formandos, especialmente em situações que requerem uma intervenção ao nível da saúde (mental e/ou física) como são exemplos as situações de gravidez, de verbalizações de intenção ou mesmo de tentativas de suicídio (algumas reiteradas, tanto por parte dos formandos como de alguns progenitores), de auto-mutilação e de fugas de casa.

Sempre que se revela necessário, é redefinido o plano individual e são delineadas novas estratégias de intervenção integrada.

“Vou sair de casa, estou farto! Vou viver para um armazém abandonado que há ali ao pé de Moscardide... já lá estive... vou viver sozinho e fazer ali a minha casa...acabo o curso e vou trabalhar para ter o meu dinheiro... assim o meu pai já não me rouba.”

Por outro lado, também surgiram situações em que a equipa alertou para a necessidade de redefinir o plano individual e de estabelecer metas específicas, em particular, para formandos com medida tutelar educativa de acompanhamento educativo, por se ter percebido que o jovem, apesar de apresentar a assiduidade que lhe era exigida, não estava disponível para mudar os

comportamentos, agravando de forma crescente as tentativas de desenvolver, em contexto de formação, as actividades ilícitas a que se dedicava na rua.

Em relação à família, foram criadas algumas estratégias para promover o seu envolvimento no processo educativo/formativo do formando.

Visita domiciliária após o 1º mês de integração do formando.

Uma das estratégias de maior sucesso é a realização de uma visita domiciliária após o 1º mês de integração do jovem na formação.

Esta visita é previamente marcada e tem por objectivo, não só conhecer o agregado familiar do formando e o ambiente onde vive, mas essencialmente, dar um feed-back positivo da integração do formando que normalmente no 1º mês não apresenta problemas de comportamento, o que permite à equipa dar uma informação agradável à família, estabelecendo uma diferença em relação ao que sempre ouviram nas informações escolares, facilitando uma melhoria no relacionamento familiar e o estabelecimento de uma relação com a equipa.

Nesta visita, aproveitamos para tirar dúvidas que a família tenha quanto à formação e perceber se estão devidamente esclarecidos no que respeita ao funcionamento do Projecto.

Telefonar à família sempre que o jovem faltar.

Outra estratégia utilizada, é uma estratégia de prevenção no que respeita à assiduidade. Desde o 1º momento de contacto com o jovem e a sua família (na entrevista de selecção) a equipa informa que é procedimento do Projecto, telefonar à família sempre que o jovem faltar (este contacto é feito no próprio dia ou no dia seguinte), permitindo saber os motivos da ausência do formando e dar conhecimento aos adultos responsáveis para que possam desempenhar as suas funções parentais.

O recurso ao elogio passou a ter lugar. Estas mudanças permitem ao jovem elevar o nível da sua auto-estima e autoconfiança.

O envolvimento dos vários elementos da família no percurso do formando, tem-se revelado uma fonte de motivação para o mesmo. Também podemos observar que famílias que já tinham desistido de acreditar no jovem mudaram a sua atitude e conseguiram melhorar as interações estabelecidas entre si, especialmente ao nível das verbalizações do quotidiano onde o recurso ao elogio passou também a ter lugar. Estas mudanças, permitem ao jovem elevar o nível da sua auto-estima e auto-confiança, estabelecendo relações emocionalmente gratificantes.

Esta componente pessoal do Projecto vai além da conclusão da formação. A equipa continua a acompanhar o jovem, orientando-o na construção do seu projecto de vida.

É nesta fase que os jovens têm a possibilidade de visualizar o seu sonho de forma mais próxima. A formação que gostariam de ter quando entraram para o Projecto é agora possível por terem o 9º ano de escolaridade, as habilitações exigidas para a formação profissional pretendida. Nestas situações, é feito o acompanhamento e encaminhamento necessário para que o seu sonho se concretize.

Para os jovens que estão a terminar a formação, é aplicado um último módulo – Inserção no Mercado de Trabalho, onde se preparam os jovens para a construção do curriculum vitae, técnicas de procura de emprego, entrevistas de selecção, contratos de trabalho e direitos e deveres dos trabalhadores.

Nesta fase, continuamos a contar com todos os parceiros e a dinamizar novas parcerias ao nível social, como é o exemplo de Univas locais e também ao nível económico, como é o exemplo de algumas entidades formadoras da componente prática, que recorrem ao Projecto quando necessitam de contratar trabalhadores, colaborando assim, também, na inserção destes jovens no mercado de trabalho.

Fazer um Follow-up é imprescindível, pois consideramos que o acompanhamento e avaliação, após a inserção destes jovens que terminam a formação, durante um ano, permite-nos testar se o Projecto Educar e Formar para Inserir funcionou, em cada um dos casos, como uma alternativa educacional e formativa e, acima de tudo, se promoveu uma mudança no estilo de vida do jovem, dando lugar a um percurso socialmente inclusivo.

Acompa-
nhamento e
“Follow-up”.

3.2. COMPONENTE TEÓRICA

“A educação é aquilo que permanece depois de esquecermos tudo o que nos foi ensinado”

Albert Einstein



Adquirir para
Validar.

Esta componente do Projecto está estruturada no sentido da aquisição dos conhecimentos necessários para a certificação escolar e para o reconhecimento e validação das competências já adquiridas pelo jovem.

Os planos curriculares incluem as áreas da Linguagem e Comunicação, Matemática para a Vida, Inglês, Cidadania e Empregabilidade e Tecnologia de Informação e Comunicação.

Plano de
estudos
individualizado.

O Plano Individual traçado para cada formando assume, nesta componente teórica, a expressão de um plano de estudos individualizado, com base numa matriz que integra as áreas de competências chave.

Esta componente está organizada numa base modular, em etapas sucessivas de um percurso previamente definido, visando a obtenção de diplomas do 6º e 9º ano de escolaridade.

“É importante ter estudos porque quero ter um trabalho qualquer, não quero ir para as obras.”

Organização
modular.

Esta organização modular, permite-nos individualizar o percurso de cada formando e em termos temporais, não obedece à lógica do ano lectivo. Alguns dos formandos têm que fazer a aquisição das competências escolares equivalentes ao 4º ano de escolaridade, no entanto, a meta definida como desejável é a aquisição do 9º ano. Nalguns casos, quando o jovem pretende um curso de formação profissional onde é exigido o 6º ano de escolaridade, o seu plano é traçado de acordo com o seu projecto pessoal.

Nesta componente distinguimos o Protocolo estabelecido com o Ministério da Educação/Escola D. Dinis, com o destacamento dos professores.

A operacionalização desta componente, implicou que o IAC desenvolvesse as diligências necessárias ao envolvimento de uma escola local disponível para colaborar na execução do Projecto.

A apresentação do Projecto Educar e Formar para Inserir à Escola D. Dinis foi muito bem acolhida e desde o primeiro momento foi visível a vontade em colaborar.

Para o destacamento dos professores, foi tido em consideração o seu perfil e a sua experiência em currículos alternativos ao ensino regular.

Os conteúdos programáticos elaborados para o Projecto Educar e Formar para Inserir constituem um verdadeiro currículo alternativo, adaptado às características dos formandos desde os métodos pedagógicos utilizados, à disposição da sala de formação e à concepção dos horários.

Adaptado às características dos formandos.

“... aqui é diferente da escola, podemos brincar com os professores mas aprendemos a fazer isso com respeito... eles gostam de nós... assim é mais fácil, mas é mais sério... quero mesmo fazer o 9º e estou-me a esforçar.”

Nesta componente teórica do Projecto, o grupo de formandos é subdividido em dois grupos (A e B), com dimensões entre os 10/15 elementos.

Os critérios utilizados para a constituição dos dois sub-grupos são vários e variam ao longo do próprio processo educativo.

Inicialmente, é utilizado como critério, o das habilitações escolares do jovem à data de entrada no Projecto.

Posteriormente, com o início da formação, é realizado um diagnóstico, transversal a todas as matérias, permitindo aos professores/formadores, apurarem o nível escolar do formando e fazer os reajustes, sempre que se mostrem necessários, não só nesta fase inicial mas também ao longo de todo o percurso educativo, quando se observa uma evolução que justifica a passagem desse formando para o nível seguinte.

Os critérios utilizados para a constituição dos dois sub-grupos variam ao longo do processo educativo.

Levar a escola
aos jovens e
despertar neles
o gosto por
aprender.

No grupo A, os formandos têm como meta a aquisição das competências escolares exigidas para a certificação do 4º e/ou do 6º ano de escolaridade.

No grupo B, os formandos continuam o seu percurso até adquirirem as competências escolares exigidas para a certificação do 9º ano de escolaridade.

Estes dois grupos funcionam em sistema paralelo e com rotatividade de horários, numa calendarização de dois dias por semana.

A ideia de levar a escola aos jovens que a tinham abandonado e de despertar neles o gosto por aprender, foi um desafio enorme para os professores/formadores, a equipa do Projecto e para os próprios formandos.

Todos os jovens candidatos ao Projecto Educar e Formar para Inserir estavam em ruptura com o sistema educativo/formativo.

A informação dada na entrevista de selecção, da existência da componente teórica do Projecto e das matérias que iam ter, era sempre encarada como uma parte desagradável do Projecto... afinal iam ter aulas.

A grande maioria dos jovens expressava-se em relação à escola, com sentimentos de repulsa, deixando transparecer claramente, que tinham formado uma imagem extremamente negativa em relação aos professores e às regras estabelecidas pela escola.

“... eles são maus, os professores. Não sei explicar. É só eles que mandam na escola... por isso não gostava de estar nas aulas, gostava mais de ficar no intervalo.”

“Desmontar”
sentimentos de
repulsa.

Durante a entrevista de selecção, a equipa tem, também, como objectivo “desmontar” este sentimento de repulsa, levando o jovem a percorrer, de forma regressiva, o seu percurso escolar, reflectindo sobre os bons e maus momentos. Regra geral, os jovens conseguem identificar um(a) professor(a) que os marcou pela positiva e que identificam como sendo uma excepção à regra.

Porque queríamos fazer desta excepção a regra, foi necessário que a equipa do Projecto delineasse, em conjunto com os professores/formadores, estratégias que permitissem marcar a diferença.

A presença
constante de
um elemento
da equipa em
sala – uma boa
prática.

A presença constante de um elemento da equipa em sala, com o professor/formador, é uma das estratégias adoptadas que se revelou como uma boa prática.

A presença deste elemento, tem como objectivo gerir comportamentos e atitudes, libertando o professor para leccionar os conteúdos e gerir a fraca tolerância à frustração, permitindo um apoio individualizado aos formandos.

Esta estratégia, também tem permitido fazer a prevenção de situações de conflito, especialmente nos jovens com agressividade reactiva e que optam por desestabilizar o grupo, quando se deparam com as dificuldades que sentem.

Algumas das técnicas utilizadas pela equipa, na gestão destes comportamentos, constituem um “feedback pedagógico” na área do auto-controle, da gestão das emoções e da contenção dos impulsos.

Ao nível da prevenção, em alguns formandos, é suficiente a aproximação física, a comunicação não verbal. Noutros, é necessário recorrer a uma chamada de atenção, normalmente acompanhada de um incentivo para o desempenho da tarefa proposta.

Quando surgem situações em que o jovem não consegue controlar o seu comportamento e se observa uma escalada para o conflito, é utilizada a técnica “Time Out”, o elemento da equipa sai com o formando da sala, afastando-se do grupo. Numa intervenção personalizada, o silêncio e a escuta activa, são as ferramentas utilizadas para conseguir que o jovem se acalme. Esta técnica é conhecida pelos jovens como “10 minutos lá fora” (na rua ou noutra sala).

O silêncio e a escuta activa, são as ferramentas utilizadas para conseguir que o jovem se acalme.

Durante este tempo, o técnico tem como prioridade, por um lado, perceber porque é que, naquele dia, o jovem está irascível e/ou agressivo, disponibilizando-se para o apoiar na situação que o está a preocupar. Por outro lado, é necessário que o jovem reconheça que aquele comportamento que teve na sala é inadequado e que não pode voltar a acontecer. Durante este espaço de tempo, são reflectidas, com o jovem, atitudes alternativas que deverá adoptar em situações idênticas.

São reflectidas com o jovem, atitudes alternativas que deverá adoptar em situações idênticas.

3.3 COMPONENTE PRÁTICA

“Comece por fazer o que é necessário, depois o que é possível e de repente estará a fazer o impossível”

São Francisco de Assis



É nesta componente do Projecto que os formandos fazem a aquisição das competências profissionais indispensáveis à sua inserção no mercado de trabalho. Esta aquisição é feita em contexto real de trabalho – “aprender a fazer, fazendo” – permitindo ao jovem experienciar, na prática, a teoria.

Inserir para
Formar.

À semelhança da “figura do aprendiz” que existia no passado, o formando é integrado numa equipa e/ou junto de um profissional, fazendo aí a aprendizagem do exercício de uma actividade profissional.

O trabalho em equipa, a gestão de conflitos e a aceitação de uma escala hierárquica, são algumas das competências mais reforçadas nesta componente do Projecto.

Pelas características próprias desta componente, em particular pelo meio onde se desenvolve, os formandos só integram a formação prática, quando a equipa avalia que já fizeram a aquisição das competências mínimas para a sua integração numa equipa de trabalho.

Os formandos só integram a formação prática, quando já fizeram a aquisição das competências mínimas para a sua integração numa equipa de trabalho.

“... eu quando entrei no Carrefour, o primeiro dia fiquei... como hei-de explicar... não sabia como ia ser, como reagir, eu nunca estive numa coisa dessas... no segundo dia, já conhecia toda a gente, já fazia as minhas tarefas com o meu padrinho.”

Como metodologia adoptada nesta componente, destacamos: as acções de sensibilização às equipas de trabalho das entidades for-

madoras e o acompanhamento semanal ao jovem no seu local de formação, por parte da equipa do Projecto.

Esta componente prática é realizada com uma periodicidade semanal de dois dias, com um horário de 5 horas diárias, durante cerca de 6 meses (conforme o percurso individual).

“... estou lá a cortar carne... o meu padrinho é um cota bacano!”

Tentamos, sempre que possível, ir ao encontro dos interesses vocacionais do formando, integrando-o num local onde ele possa desempenhar uma actividade que seja factor de motivação.

Salientamos que esta componente contempla a flexibilidade necessária para a adaptação/conjugação das características e necessidades da entidade formadora e do plano individual do formando.

Da mesma forma que a componente teórica do Projecto, se reveste de especial importância (quando pensamos que a inserção profissional, sem habilitações escolares, é um factor bloqueador de sucesso e de qualidade, perpetuando a exclusão social), também devemos considerar que, quando falamos de projectos para a inclusão, esta componente prática é indispensável, pois falamos de um enquadramento económico e social a par da educação e formação. A inserção no mercado de trabalho constitui, por si só, uma via para a inclusão social.

Quando falamos de projectos para a inclusão, esta componente torna-se indispensável.

“... Acho bom isto aqui, facilita bué, podemos aprender uma profissão e já sabemos como vai ser trabalhar...”

Como projecto de responsabilidade social empresarial, salientamos a experiência com o Grupo Carrefour Portugal, em que os primeiros formandos foram integrados na Loja Carrefour de Telheiras, onde realizaram a componente prática.

Desta experiência resultaram boas práticas com carácter de transferibilidade para ambos os sectores: económico e social.³

Boas práticas com carácter de transferibilidade.

³ Excertos adaptados do documento
Síntese da Execução do Projecto, Novembro de 2007
Equipa de Coordenação do Projecto Educar e Formar para Inserir – Instituto de Apoio à Criança
Equipa de Coordenação do Projecto – Carrefour Portugal

- As Acções de Sensibilização:

Realizadas por parte dos técnicos do IAC, junto das chefias e dos técnicos da entidade formadora, têm como objectivo esclarecer melhores formas de actuação com os formandos e, consequentemente, atingir os objectivos do programa. Estas sessões, visam, igualmente, o reforço da motivação das equipas que diariamente se deparam com as dificuldades inerentes a um projecto desta natureza.

- Alocação ao Projecto de uma Equipa de Coordenação por parte da Entidade Formadora, em regime de não exclusividade e que se subdivide em:

- Equipa de coordenação teórica (2 elementos) que tem à sua responsabilidade a definição da estrutura da parte prática, definição de boas práticas, tomando as decisões fundamentais ao nível da gestão da formação em contexto real de trabalho.
- Equipa de coordenação prática, também constituída por 2 elementos, que tem a seu cargo o acompanhamento dos formandos na loja, no que se refere às suas necessidades fundamentais (fardamento, ausências, etc.)

- A “Figura do Padrinho”:

Foi criada como forma de privilegiar a relação de proximidade entre o formando e um elemento da equipa onde foi integrado. É com o Padrinho que o jovem aprende a executar as tarefas próprias da actividade profissional, é o padrinho que lhe dá directrizes acerca da conduta e melhores práticas da função, ministrando-lhe ensinamentos técnicos e acompanhando-o diariamente. O Tutor é o responsável pela equipa daquela secção ou departamento onde o formando está inserido e tem como tarefa, assegurar que a formação prática é devidamente ministrada ao formando.

- O Acompanhamento Diário (ou semanal) ao jovem, no local de formação, por parte da equipa do Projecto Educar e Formar para Inserir:

Revelou-se uma estratégia preventiva da desmotivação e, em simultâneo, geradora de uma maior proximidade entre o formando e a equipa da entidade formadora.

- Ponto de Situação Mensal:

Realização de uma reunião mensal entre a coordenação teórica da entidade formadora e a equipa do IAC, com os seguintes objectivos:

- Passagem em revista de todos os factos ocorridos no último mês e dificuldades sentidas;
- Identificação de soluções para os problemas identificados;
- Reflexão sobre as avaliações dos formandos;
- Definição de novas “boas práticas” para colmatar lacunas e problemas identificados.

- As Assembleias de Formação:

Com periodicidade mensal, são momentos onde estão presentes todas as partes envolvidas – formandos, IAC e Entidade Formadora. Nestes momentos a equipa técnica incita à reflexão conjunta, a respeito do percurso dos formandos e do decurso desta componente prática, avaliando os objectivos traçados/alcançados. Estas assembleias visam a superação das dificuldades encontradas, sublinhando os pontos fortes e dando sugestões para se ultrapassarem os obstáculos.

- Criação de Módulos de Formação:

Outra boa prática resultante da experiência com o Grupo Carrefour Portugal – Loja de Telheiras, foi a adaptação dos módulos de formação da empresa à realidade do Projecto Educar e Formar para Inserir, através da redução da sua carga teórica, da adopção de uma linguagem apropriada à idade e características dos formandos e a inclusão de jogos pedagógicos de cariz muito prático e acessível.

Nesta componente prática do Projecto, também é feita a autoavaliação e a avaliação trimestral.

Esta avaliação é realizada através de entrevistas individuais aos formandos, conduzidas por um técnico da entidade formadora e por um técnico do Projecto. Nesta entrevista, o formando é convidado a efectuar a sua autoavaliação face aos objectivos propostos e só depois lhe é comunicada a avaliação, com base na informação recebida pelo responsável directo das suas aprendizagens em contexto real de trabalho.

Na experiência com o Grupo Carrefour Portugal, salientou-se mais uma vez, uma boa prática nesta vertente da avaliação do percurso do formando:

- Um Sistema de Avaliação com 4 Níveis:

Nessa experiência, a informação era dada pelo Padrinho e pelo Tutor que, em algumas situações, poderia estar presente nesta avaliação.

Durante esta conversa, era propiciado um momento de debate com o formando face à eventual coincidência da avaliação e autoavaliação e consequente passagem de nível.

À semelhança do sistema de avaliação utilizado na componente pessoal, foi feita a adaptação dos quatro níveis existentes, para os níveis a atingir na formação prática, de acordo com os objetivos do Carrefour em relação aos seus colaboradores.

Desta forma, os níveis de avaliação dos formandos eram os seguintes:

- Renascer – denominação dada ao 1º nível que corresponde a um nível básico e que visa o contacto com a realidade operacional da loja, o cumprimento de regras primárias e um acompanhamento constante do padrinho/responsável directo pela formação prática do formando.
- Aprender – corresponde ao 2º nível, um estado intermédio que objectiva o cumprimento de regras internas e autonomia na realização de algumas tarefas.
- Saber – é o 3º nível, um estado de aprendizagem avançado, onde se pretende que os formandos executem autonomamente a maior parte das tarefas inerentes à função de operador de supermercado/de ajudante na área profissional em questão e que consolidem o cumprimento das normas internas do Carrefour/da Empresa Entidade Formadora.
- Especializar – é o 4º e último nível, corresponde a um estado profissionalizante que visa o perfeito domínio de todas as tarefas e atitudes comportamentais adequadas à função.

As passagens de nível são comunicadas ao formando, com a entrega de um cartão onde se elogia o seu desempenho e se lembra as competências que se espera que venham a ser adquiridas no novo nível.

Aos formandos que não conseguiram passar de nível, é entregue um cartão com uma mensagem de incentivo, face aos pontos de melhoria identificados com vista à passagem de nível na próxima avaliação.

Estas boas práticas, constituem uma resposta real às dificuldades sentidas, são estratégias e abordagens testadas e que apresentam características possíveis de transferência e de adaptação a outras entidades formadoras e a outros contextos de formação.



4 • RESULTADOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE 3 ANOS

*" Se eu soubesse que o mundo terminaria amanhã,
hoje ainda plantaria uma árvore."*

Martin Luther King

Desde o início do Projecto, em 2005, recebemos 176 candidaturas. Até ao 1º semestre de 2008, o Projecto abrangeu 61 jovens: 21 formandos do sexo feminino, correspondendo a 34,4% do total e 40 formandos do sexo masculino que se traduzem numa vantagem percentual na ordem dos 65,6%. Esta diferença percentual em relação ao género é idêntica à que se observa nas candidaturas, em que os candidatos do sexo masculino são o dobro em relação aos do sexo feminino.

79%
não tinham o
6º ano de
escolaridade.

Se pensarmos nas habilitações escolares dos jovens, à data de entrada no Projecto, salientamos a baixa escolaridade em que 79% dos formandos não tinham o 6º ano de escolaridade e desses, 44% só tinham até ao 4º ano.

77%
atingiram níveis
de
certificação.

Dos jovens abrangidos, 77% atingiram níveis de certificação. Dos que foram certificados, 75% quis continuar os estudos, via formação profissional.

Os jovens que optaram pela inserção em mercado de trabalho, apresentam uma taxa de sucesso inferior; só 55% está efectivamente a trabalhar.

Os formandos que atingiram o nível do 6º ano de escolaridade, na sua maioria, continuaram o seu percurso no Projecto Educar e Formar para Inserir.

Impacto na
mudança de
comporta-
mentos
e no estilo de
vida.

Outro indicador que consideramos importante avaliar, é o impacto que o Projecto teve na mudança de comportamentos e no estilo de vida destes jovens.

Se tivermos como ponto de partida o diagnóstico inicial das competências pessoais e sociais dos formandos, verificamos por análise comparativa ao longo do percurso, que os formandos à data da conclusão/certificação do Treino de Competências, apresentam nível de "Bom" e "Muito Bom" na maioria das competências trabalhadas.

A capacidade crescente que se tem vindo a observar nos formandos, de transferência das competências adquiridas no Projecto para a sua vida quotidiana, permite perspectivar um percurso de vida socialmente inclusivo.

"Antes de vir pra cá só pensava em curtir e cenas assim... agora como tou a crescer, tenho que pensar na vida... e um dia mais tarde quero arranjar emprego. Sei que pode ser, é assim... se a gente pensar no passado é só miséria. Se pensarmos no futuro é porque a gente consegue construir."

A valorização de uma actividade socialmente aceite fez surgir nestes jovens o sentimento de pertença à sociedade, condição “sine qua non” para o seu desempenho enquanto cidadãos livres e responsáveis.

Destacamos o mérito de todos os nossos “companheiros de viagem” os nossos colegas/parceiros que, sem eles, nada teria sido igual.

Sem os nossos “companheiros de viagem”, nada teria sido igual!

“... prostituiu-se durante 25 anos... só há 2 anos é que é mãe. A... (jovem) sempre viveu institucionalizada desde que nasceu... vai fazer 18 anos no mês que vem ... vamos ver como podemos trabalhar esta relação entre as duas... vamos tentar!”

A sinergia de esforços permitiu a eficácia desta intervenção na resolução das situações/problema, no privilégio de colaborar na remoção das situações de perigo (promovendo a protecção) e também, na educação para o direito (promovendo a cidadania) dos jovens.

Mas são os testemunhos dos formandos que nos dão a imagem fiel do impacto que o Projecto teve nas suas vidas.

“... eu esperava muito menos, passou as minhas expectativas... o que é que eu alterava? Decididamente prolongava...”

“...foi uma boa experiência de vida, mudei muita coisa... aprendi a comportar-me... e a ter motivação para fazer as coisas... agora que tenho o 9º vou procurar trabalho... porque a rua não trás felicidade...”

“... tive bons e maus momentos, a minha relação com os formadores «axo» que foi muito boa... mudei a minha maneira de falar, de estar, de comportar e de compreender as pessoas melhor...”

“... andava em psicólogos por ser ruim, e sempre consegui exprimir aquela raiva, aquelas coisas que eu tinha. E desde que estou aqui sinto que sou outro... já obedeco aqui no LAC, já obedeco em casa, os meus pais...”

“Mudou muito a nível de acordar cedo, ter aquela responsabilidade de saber que tenho que acordar a horas e não posso deitar tão tarde para poder levantar cedo, essas coisas... ya! É sacrifício, mas depois tomo banho e depois tá-se bem, quando acabo, já tá! Tá bacano!... Tem que ser para continuar.”

“... agora penso como vai ser o meu dia de amanhã. Penso que não pode ser mau, tem que ser positivo. Tenho que continuar a minha vida sempre

em frente, nunca olhar para trás, porque atrás foi um pesadelo, agora é o presente, tem que ser bom.”

“Mudei muito, tou mais sossegada, o comportamento, o pessoal lá do bairro «já notaram».”

“Antes não fazia nada... fazia nada. Casa, rua. Rua casa. Agora... ah! Não sei!... Eu acho que vou bem neste curso. Eu gosto deste curso, ensina-nos bem.”

“Eu era mais vadio, andava sempre na rua. Agora não tenho tanto tempo livre, tenho com que me ocupar... não ando na rua a fazer asneira. Vale a pena para mim. Ah! Às vezes... é o mau comportamento. Mas estou a mudar! «Estou a esforçar» para portar melhor!”

O Projecto?

*Mudou muita coisa...
o comportamento,
pensar antes de agir,
a maneira de falar...
Cenas de sentimento,
de respeito...
foi uma oportunidade de
me inserir na sociedade...*

Os Formandos



5 • PERCURSOS

*“Os heróis são aqueles que tornam magnífica uma vida
que já não podem suportar.”*

Jean Girandoux

*“Vem por aqui!” dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui”!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruço os braços,
E nunca vou por ali...
(...)
Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam os meus próprios passos...*

*Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Porque me repetis: «vem por aqui»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...*

*Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.*

*Como pois sereis vós
Que me dareis machados, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
(...)
Vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
(...)
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: «vem por aqui»!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou.
- Sei que não vou por aí!*

José Régio

5.1. "OS DESISTENTES"

"... uma coisa má é que houve muitas desistências, vi muitos amigos a irem embora..."

Um formando

Não podemos deixar de falar nos jovens que foram integrados no Projecto mas que desistiram.

Estes jovens são designados aqui como "desistentes" do Projecto Educar e Formar para Inserir mas são, sobretudo, os "Sobreviventes do Passado" que não deveriam ter vivido e de um presente que não querem sentir!

Poderíamos ensaiar "Teorias Sobre o Sofrimento Silencioso" ou talvez, fazer uma análise exaustiva, sobre os motivos que levaram esses jovens a não ficar no Projecto...

Uma taxa de desistência de 32%, é uma taxa elevada. A maior parte destas desistências deram-se durante o 1º trimestre. As razões serão multifacetadas... mas salientamos a incapacidade do jovem para iniciar/continuar o seu percurso educativo/formativo, por se encontrar numa situação psicologicamente perturbada, vulnerável e bloqueadora à construção de qualquer projecto de vida... quando é a própria vida que está em causa!

"... ah! A minha filha é como eu... uma infeliz, uma desgraçada sozinha, sem ninguém... senão fosse ela eu já me tinha matado... eu digo-lhe isso, não tenho segredos para ela... ela faz isso (auto mutilação) mas são só arranhões (cortes com xí-acto)..."

Mesmo quando desistem...
Existe alguém que acredita nas suas potencialidades e que não desiste deles

Um trabalho de retaguarda, entre todos os técnicos envolvidos, mesmo após a sua fuga/desistência, permitiu em alguns casos, criar condições para a reentrada destes jovens e fazê-los sentir, que mesmo quando desistem, existe alguém que acredita nas suas potencialidades e que não desiste deles.

Um enorme sofrimento e um vazio de afectos.

Este é um valor que tem expressão pelas diferentes situações de desistência manifestadas, onde cada jovem é um ser único que partilha com os outros algo em comum - Um enorme sofrimento e um vazio de afectos! Sentimentos que tomaram as rédeas do presente, de jovens que se encontram completamente sozinhos no

meio de uma multidão, que não acreditam que seja possível um futuro diferente e muito menos que a sua vida sofra alguma mudança...

“Para mim... já é tarde demais!”

A mãe do Diogo* deixou-o com os avós maternos quando tinha apenas 3 meses de idade. A última vez que a viu tinha 2 anos...já não se lembra do seu rosto.

O pai... *“vi-o uma vez num funeral... lá no Porto...foi a minha avó que me avisou que aquele era o meu pai”...*

O Diogo foi inscrito no Projecto, em 6 de Julho de 2006, tinha 14 anos, fazia 15 dali a 3 meses. Na sua ficha de candidatura podemos ler:

“... é um jovem que demonstra total desinteresse pela actividade escolar, comportamentos de risco, pré-marginalidade, limites e regras pouco interiorizadas. Suporte familiar (avó) com dificuldade no processo educativo do menor...”.

No dia 27 de Setembro de 2006, foi realizada a entrevista de selecção, previamente marcada com a avó, à qual o Diogo compareceu sozinho...um pouco envergonhado, começou por dizer que conhecia o Pedro e o Igor, dois formandos do Projecto que já lhe tinham falado do IAC e foi ele que pediu à assistente social para o inscrever ali...já sabia que havia o Carrefour e tentava fazer passar a ideia de que tinha muito interesse em trabalhar numa loja como a de Telheiras... *“gostava de ser repositor”*... mas não fazia a mínima ideia no que consistia, nem que outras funções existiam.

Ao longo da entrevista, o Diogo foi ficando mais comunicativo, começou a falar um pouco de si (mas sempre no presente), falou dos seus consumos de haxixe, dos roubos e dos “estragos” que fazia (actos de vandalismo)... disse que começou com o irmão que é 3 anos mais velho *“... ele está institucionalizado há 1 ano, por roubo”*.

Não sabia em que idade tudo tinha começado... na (re)construção do seu historial escolar, o Diogo foi convidado a recuar até ao passado *“... quando fui para a escola (1º ano) ficava muitas vezes de*

* Os nomes são fictícios mas os factos são reais, foram omitidos alguns acontecimentos, com o intuito de preservar a confidencialidade do jovem e da sua família.

castigo... chamavam-me «caixa de óculos» e metiam-se comigo... os mais velhos que andavam lá... mas eu não me ficava e quando me davam porrada eu defendia-me... «amandava» com coisas... o que estivesse ali ao pé voava... mas eu é que era apanhado... eles fugiam... deles tinham medo... eu é que ficava de castigo... era puto... depois quando fui para a 2+3, já me dava com os mais velhos lá do bairro e o meu comportamento na escola não era muito bom, respondia aos professores e mandavam-me embora da sala de aula... era sempre assim... depois já estava habituado e já nem ia às aulas... ficava por aí...”.

O Diogo esteve 2 anos no 5ºano e 4 anos no 6ºano, que acabou por não concluir. No seu registo biográfico, não existe uma única anotação sobre qualquer ocorrência, nem nenhum comentário sobre o jovem. As únicas observações que podem ser lidas, repetidamente, são:

“O aluno ultrapassou o limite de faltas injustificadas previsto por lei. Está retido salvo decisão em contrário do Conselho Pedagógico no final do ano lectivo (alínea a) do art. 22 da Lei nº 30/2002)”

“O aluno não foi aprovado por ter excedido o limite de faltas previsto na Lei nº30/2002)”.

Os dias do Diogo, eram uma incógnita... *“saio de casa todos os dias às 7h30m/8h da manhã e só regresso à noite ou então... já de manhã...”* Por vários momentos, o Diogo “deixou cair as suas defesas” falando de algumas coisas que fazia durante o dia. Quando acordava ia até casa do Igor que vivia ali ao lado, jogava Play Station e depois, quando a mãe do Igor chegava a casa, o Igor ia para a formação e ele ia-se embora... *“para Alvalade... assaltar os putos à saída das escolas...na outra semana, fui parar à esquadra, por andar a mandar pedras na rua...a minha avó é que me foi buscar”...*

O Diogo, foi considerado como prioritário e foi integrado no Projecto, iniciando a formação em 3 de Outubro de 2006.

Paralelamente, foi feito todo o trabalho de articulação junto do seu agregado familiar e junto dos parceiros envolvidos na situação.

O Diogo tinha um Processo de Promoção e Protecção que tinha sido remetido para o Ministério Público por falta de consentimento dos avós, que apenas aceitavam como medida a institucionalização, não estando receptivos a qualquer tipo de intervenção.

Também na área Tutelar Educativa, o Diogo já tinha sido alvo da aplicação de uma medida – 4 fins-de-semana em Centro Educativo. Momentos que o Diogo recordava com alguma saudade...chegando a verbalizar *“até é fixe... aquilo lá é como uma família...a gente controla-se melhor... não há confusão!”*.

O Diogo revelou, desde o início, uma fraca assiduidade caracterizada por altos e baixos, necessitava de reforços constantes para manter um nível mínimo de motivação. Em contexto de formação, apesar do pouco tempo que frequentou, apresentou sempre uma atitude participativa e colaborante. Respeitou sempre as figuras de autoridade e o grupo de pares.

Um dia, durante um intervalo da formação, numa conversa informal... direccionada para levar o Diogo a falar sobre os actos de vandalismo, que admitia fazer frequentemente, acabou por dizer:

“... não sei porque faço isso...às vezes fico com muita força cá dentro... é uma coisa aqui (levando a mão, de punho cerrado, ao peito) e só fico bem quando bato nas coisas... mas não quero estragar as coisas... às vezes dou murros na parede até me doer as mãos... mas não dá a mesma coisa... bater na parede dá mais, da «bués» calma... quando arranquei a sanita do Palácio, não foi para estragar... já não dava mais e eu não queria partir nada no Palácio...”.

Nos vários contactos com a avó do Diogo, existiu sempre uma constante - um pedido para escrever uma carta para o Juiz a dizer: *“ele tem que ir para uma instituição”* ou *“arranjem as senhoras uma instituição para ele ir para lá”*.

Entretanto a equipa recebe um pedido de informação da escola, com o objectivo de esclarecer qual a situação do Diogo, por terem informações contraditórias. Já depois de o Diogo estar na formação, a avó ocultou á escola esse facto, chegando mesmo a dar informações falsas: *“ele não entrou no curso porque não tinha vagas”*. A avó do Diogo tinha solicitado à escola que *“a directora de turma escrevesse uma carta para enviar ao Tribunal... para tentar acelerar o processo”*.

Nesta altura, o Diogo encontrava-se a frequentar o Projecto, estando na fase de integração, mesmo com fraca assiduidade e sem o envolvimento dos seus avós.

Em 13 de Dezembro de 2006, foi realizada a visita domiciliária à família do Diogo, uma das estratégias utilizadas para o seu envolvimento, nesta fase de integração dos formandos...

Quando chegamos, apenas a avó do Diogo se encontrava em casa. A D.^a Felismina manteve sempre o discurso que já tinha dos contactos feitos anteriormente, apontando como única solução para o neto, a sua institucionalização.

"O Diogo foi criado por nós, somos nós que temos a tutela dele, está aqui desde que nasceu, a minha filha deixou-o aqui, ele tinha 3 meses...é a nós que ele chama mãe e pai".

A D.^a Felismina fez questão de mostrar a casa, verbalizando por diversas vezes *"tenho tudo fechado à chave por causa do Diogo que rouba tudo o que apanha..."*.

Na cozinha não havia nenhuma panela ao lume nem se avistava qualquer refeição preparada... em cima do fogão fechado, encontrava-se uma fruteira cheia de papéis. Perguntamos pelo Diogo pois eram quase horas de jantar... a D.^a Felismina respondeu que o Diogo tinha saído há pouco de casa... *"depois de ter almoçado"* e que não sabia para onde tinha ido. Depois, continuou com as queixas, que se sucediam umas atrás das outras... *"ele nunca chega a horas a casa para o jantar, não diz para onde vai e regressa por volta das 2 horas da manhã... agora quando ele começa a gritar cá em casa, chamo a polícia, mas a polícia não pode fazer nada... já viu a minha desgraça?... eles dizem que temos que lhe abrir a porta de casa quando ele chega à noite, por ele ser menor..."*.

Durante toda a visita, foi visível no seu discurso, as comparações constantes entre os dois netos, afirmando que o Joaquim que se encontra institucionalizado, *"se fez um bom rapaz... está um homem... o Diogo não é ninguém... não presta para nada"*.

A D.^a Felismina apresenta o mesmo tipo de discurso em frente ao Diogo *"... o que tenho para dizer, digo na cara dele... ele tem que saber ouvir as verdades"*.

A D.^a Felismina nunca mostrou qualquer interesse em pensar numa forma de, em conjunto, melhorar a assiduidade do Diogo, para que o seu comportamento pudesse melhorar... *"o Diogo? Esse só numa instituição!..."*.

Mesmo em relação à medicação do Diogo, (informação dada pela avó, de que o Diogo era acompanhado em consultas de pedopsiquiatria e que estava medicado com Diazepan) percebemos que a D.^a Felismina não tinha qualquer vigilância sobre a mesma, não reconhecendo a sua importância. O mesmo se passava com as consultas, não sabia o nome do pedopsiquiatra e não acompanhava o neto... *"eu nem sei se ele lá vai...só sei quando ligam a dizer*

que ele faltou... agora já nem ligam... talvez há mais de 1 ano... ou dois... ou mais... já nem sei... ele anda lá desde os 2 anos e meio...".

(...)

Chegou o avô do Diogo, que se apresentava com um cheiro a álcool bastante intenso.

Também o Sr. José, aproveitou a nossa presença para «descarregar» todas as queixas do Diogo e contou mais histórias das chamadas da polícia lá a casa *"quando o Diogo faz ameaças ou quando ele chega a casa de madrugada...eu só estou à espera que ele faça os 18 anos de idade para não ter que lhe abrir a porta e deixá-lo na rua"*.

Quando perguntamos qual a razão de o Diogo ter ficado a viver com os avós, o Sr. José, prontamente, respondeu: - *"a minha filha tem que trabalhar, não podia ficar a cuidar dos filhos!"* Ao longo da conversa teceu bastantes elogios à filha e verbalizou: - *"às vezes eu falo com ela pelo telefone e sabe o que ela me diz, quando lhe falo do Diogo?... para lhe dar porrada! Que só com porrada é que ele lá vai!... é assim desde pequeno!"* .

Durante a conversa, o Sr. José confirmou a informação que o Diogo nos tinha dado sobre a última vez que tinha visto a mãe, quando tinha 2 anos de idade *"ela tem lá a vida dela, é por isso que nunca está com o Diogo, ela é uma grande mulher... não é por ser minha filha, mas ela é gente boa, trabalhadora... outra educação... as senhoras é que não sabem, mas o pai do Diogo ia sendo a desgraça dela... meteu-a na droga, está a perceber? Ele é um desgraçado que anda aí... quando levei o Diogo a conhecer o pai, que estava lá num funeral na terra, ele disse na cara do filho que não queria saber dele, nunca quis... e que ele devia de me ter respeito era a mim, porque eu é que era amigo dele... nesse dia até teve uma boa atitude..."*.

Quando sugerimos que talvez o Diogo tivesse pena de não ter contacto com a mãe e com o pai e que, talvez por isso, estivesse triste e reagisse assim, os avós foram muito firmes a dizer: - *"Não! Ele não liga a essas coisas!"*.

Depois de ouvir tanta mágoa com tanta violência... não queríamos partir assim... restava-nos exaltar a alegria que deveriam ter sentido quando foram avós pela 2ª vez... ou a memória esquecida, de momentos bons, de quando o Diogo era uma criança pequena!

Mas em troca... recebemos todo o desamor que existe na vida do Diogo... *"ele sempre foi assim mau... mesmo quando era bebé de colo... eu criei-o mas não lhe tenho amor!"*.

O Diogo deixou de frequentar a formação em Dezembro de 2006.

Como último recurso, apelamos ao Igor, ao Pedro e a outros jovens, que por vezes encontravam o Diogo nas ruas da cidade, que lhe transmitissem que, mesmo não querendo continuar no Projecto, gostaríamos muito de o ver... passado um tempo, o Igor transmitiu-nos uma mensagem deixada pelo Diogo...

"Eu sei que eles me querem ajudar, mas diz ao IAC que não percam mais tempo comigo... eu já não tenho hipóteses. Para mim... já é tarde demais!"

5.2. "OS RESILIENTES"

"A adversidade desperta em nós capacidades que, em circunstâncias favoráveis, teriam ficado adormecidas"

Horácio

"Eu era um puto..."

Quando conhecemos o André*, ele tinha feito 14 anos há poucos dias. Sorridente, observador, controlado nos gestos e nas palavras... veio sozinho para a entrevista.

Desde os 10 anos que vive com a mãe, uma irmã 8 anos mais nova e um tio 5 anos mais novo, assume-se como figura de referência masculina em relação aos mais novos. O pai saiu de casa nessa altura... o André tem bem gravado na memória, as imagens nítidas das agressões a que assistia... recorda facilmente as vezes, sem conta, em que durante a sua infância, a mãe ficava vários dias fora de casa, no hospital. Da última vez... o tempo pareceu uma eternidade... a mãe ficou em coma, durante quase um mês.

* Os nomes são fictícios mas os factos são reais, foram omitidos alguns acontecimentos, com o intuito de preservar a confidencialidade do jovem e da sua família.

Na sua ficha de candidatura podemos ler: *"... ocupa os seus dias deambulando pelo bairro ou em local desconhecido, gerindo o seu dia a dia, de forma completamente autónoma. Procura no grupo de pares figuras de referência, tentando afirmar-se pela «negativa». A integração do jovem em formação, é apresentada como alternativa à actual situação de desocupação que, segundo o próprio, tem favorecido a adopção de comportamentos de risco que põem em causa a sua segurança..."*.

O André tinha processo Tutelar Educativo. Estava integrado num grupo de jovens adultos, ao qual pertencia o seu primo Manuel, que se dedicavam a várias actividades ilícitas... roubo de carros, tráfico, venda de vários materiais roubados...

Na triagem de pré selecção, com todos os parceiros que se encontravam envolvidos na situação, o André foi considerado um dos jovens prioritários, pelas vivências em escalada que apresentava e pela idade que tinha.

"... sempre tive amigos mais velhos lá no bairro, foi com eles que comecei a fumar, a beber as primeiras «bejecas»...".

A determinada altura, na entrevista, o André já mais descontraído, deixou escapar "eu já sei desmontar um motor sozinho... desde os 12 anos!". Tentando remediar de imediato o que tinha dito, acrescentou; - *"O meu primo Manuel, tem uma oficina de arranjar carros... eu vou lá para a oficina dele ajudá-lo e assim aprendo... e o meu pai é mecânico"*.

Quando lhe perguntei porque queria vir para o Projecto, o André disse que era porque não gostava da escola *"... estão sempre a embirrar... embirram bué!... Agora tenho que pensar na vida... tenho que estudar, só tenho o 5º ano, foi a Dra. que me disse... senão vou para um centro. Fui apanhado porque eu não fugi. Eu não deixo nenhum amigo para trás..."*.

A sua vontade de integrar o Projecto resultava, essencialmente, de uma motivação externa... não ir para um Centro Educativo.

Esta é, normalmente, a situação mais comum dos jovens que chegam até nós. Por esta razão, a entrevista de selecção é uma entrevista para a motivação.

O André entrou para o Projecto, em 20 de Julho de 2006, altura que não lhe agradou muito, porque estava em pleno Verão.

Quando ligamos a dar-lhe os parabéns por ter sido seleccionado, informamos também que iria começar a formação na próxima semana.

O André reagiu de imediato: - *"... já? Pensava que era só quando começam as aulas... lá para Setembro... agora está tudo de férias, na praia... mas tá bem, tem que ser, né?!"*

Desde que entrou para o Projecto o André sempre teve dificuldade em cumprir regras e em tolerar chamadas de atenção. Respondia sempre com rebeldia e tentava fazer confrontos com os elementos da equipa.

O seu percurso tem altos e baixos, espelha bem a sua instabilidade emocional.

A mãe do André, numa das visitas domiciliárias, desabafou com a equipa: *"... às vezes penso que a culpa é minha... de ele ser assim. (...) mas eu também sofri muito, a minha mais pequena, durante mais de um ano, quando ouvia falar no nome do pai, fazia xixi pelas pernas abaixo...o André revoltava-se de outra maneira... fazia asneiras... foi por isso que eu perdi a cabeça quando a polícia apareceu cá em casa, por causa dos carros roubados. Sabe o que eu fiz? Eu ainda tinha o braço com gesso, tinha partido o braço em 3 lados e nesse dia fomos os dois parar ao hospital porque eu parti o gesso nas costas do André, ele ficou todo marcado... mas continuou a fazer o mesmo... ainda foi pior... já não lhe bato assim, para não perder a cabeça, mas tenho zangas todos os dias com ele... ele não dá valor ao que faço por ele e pela irmã..."*

Um dia, num momento de "Time Out", durante a aula de Matemática, onde se faziam fichas sobre representação gráfica, o André estava, particularmente, desestabilizador.

Cá fora, na rua, pudemos conversar e reflectir sobre o seu percurso no Projecto, na sequência do que estava a dar na aula de matemática foi pedido ao André que desenhasse o seu percurso numa linha, como um gráfico.

O André sorriu e, levantando a mão, começou a desenhar no ar uma linha imaginária (picos altos, seguidos de descidas vertiginosas) enquanto ia dizendo: - *"... é uma linha bué torta... sou eu... quando há tempestade, vêm ondas bué da grandes e é quando eu vou ao fundo... mas depois, consigo vir para cima e não me deixo afogar..."*

Há cerca de um ano, o André apaixonou-se pela Alexandra, de 16 anos de idade, uma formanda que tinha sido integrada no Projecto.

Começaram a namorar e durante alguns meses, o André mudou de forma radical o seu comportamento; estava calmo, empenhado e participativo. O seu desempenho melhorou muito e o André fez o 6º e continuou o seu percurso para o 9º ano. Lá fora, as coisas melhoraram muito, a D. Margarida, mãe do André, verbalizava o seu contentamento: - *"... nunca vi o meu André tão bem... já não anda com o primo nem com os outros lá no bairro... nunca mais tive a polícia à porta"*.

A Alexandra, vivia com os pais, tinha saído há pouco tempo de um Centro de Acolhimento onde tinha estado desde os 12 anos de idade, com as suas duas irmãs mais novas. A Alexandra foi vítima de abusos sexuais por parte do pai, desde os 5 anos de idade. Saiu da instituição por sua livre vontade e voltou para casa, altura em que entra para o Projecto. *"... agora ele já não me faz nada... eu não deixo... fecho-me à chave enquanto durmo..."*

Quando começou a namorar com o André, rapidamente foi viver para sua casa, soubemos que tinha contado ao André e à D. Margarida o que se tinha passado com ela e com as suas irmãs.

"... A Alexandra é uma boa menina, tem feito muito bem ao André, gosto muito dela. Ela ainda sofreu mais do que eu. É a minha maneira de a ajudar, ela fica cá em casa melhor...".

A Alexandra terminou a formação, fez o 9º ano e íamos continuar a acompanhar o seu projecto quando nos disse que estava grávida. Estava muito contente e o André também *"... o pior é dizer à mãe do André... ela tem-nos dito que era bom esperar para ter filhos... eu tomava a pílula mas não sei o que aconteceu... ela sempre disse que os dois podíamos ficar, mas mais uma criança é que não podia ser... foi por isso que resolvemos ir para casa dos meus pais... só depois dissemos à mãe do André..."*.

O André andava radiante, orgulhoso por ir ser pai, mas revelando muita imaturidade. Depois, muitas turbulências aconteceram, desde que foram para casa dos pais da Alexandra... O André passava as noites fora e recomeçou a andar com os seus *"amigos de bairro"*.

"... não consigo viver ali... ao lado do pai dela... mas a minha mãe está ofendida comigo por eu não ter contado nada e termos ido embora..."

(...)

O André e a Alexandra voltaram para casa da D. Margarida, vão ser pais a qualquer momento... sabem que têm o apoio da equipa do Projecto e dos vários parceiros envolvidos na situação, vão ser pais... mas o seu projecto de vida continua a ser construído, em conjunto, contemplando o filho que vão ter.

Apesar de todas as adversidades e dos altos e baixos, o André e a Alexandra têm conseguido continuar o seu percurso de vida, remando contra as tempestades e aprendendo a utilizar a maré a seu favor, encarando as ondas não como um obstáculo mas como um impulso para chegarem a terra sãos e salvos.

É previsível que o André termine o 9º ano dentro de um mês, quer seguir o curso de mecânica, já foi visitar o centro de formação onde irá inscrever-se.

Há alguns dias atrás, em conversa com o André ele dizia: - *"... parece que tudo isso já passou há muito tempo, já tenho 17 anos e vou ser pai... eu sei que não me portei bem... muitas vezes não me portei bem... agora tenho que seguir em frente e não voltar a fazer porcaria... eu não quero voltar ao mesmo... eu era um puto!"*.

5.3. "OS CERTIFICADOS"*

Boa tarde!

(...)

Estamos aqui para representar o grupo de formandos integrados no Projecto "Educar e Formar para Inserir".

Gostaríamos de partilhar convosco alguns contributos que este Projecto nos dá.

Muitos de nós antes de integrar este Projecto, já não frequentávamos a escola e passávamos os dias desocupados.

Voltar para a escola já não fazia parte dos nossos planos. Quando entramos para a formação já não estávamos habituados a cumprir regras e horários.

* Texto produzido pelos primeiros formandos certificados. Discurso realizado na cerimónia de entrega dos certificados, 13 de Dezembro de 2007.

Depois com o desenrolar da formação e com a ajuda dos formadores, ao longo do tempo, fomos adquirindo novas competências. Como por exemplo: somos mais responsáveis, já conseguimos controlar os comportamentos e atitudes, cumprir horários, maior concentração. Em algumas situações já conseguimos pensar antes de agir.

Alguns de nós tivemos a oportunidade de integrar na formação prática no Carrefour, foi uma experiência boa que nos ajudou a crescer e a ver como é o mundo do trabalho de perto.

A possibilidade de concluir a escolaridade, permite-nos pensar num futuro com mais oportunidades, permitindo-nos assim, ter uma melhor qualidade de vida.

O IAC proporcionou-nos algumas experiências que nos marcaram. Como por exemplo: Baptismo de Voo, Andar de Barco à Vela, ir à Praia do Magoito, etc.

Acima de tudo esta formação proporcionou-nos fazer novas amizades, apesar de algumas já não estarem na formação, deixaram-nos boas recordações.

Sem dúvida que o IAC nos tem ajudado muito, gostaríamos de destacar o testemunho de uma colega.

“O que mudou na minha vida foi ter ficado com a minha filha e posso agradecer a ajuda do IAC, ajudaram-me muito”.

Em nome de todos Obrigado por nos terem dado esta oportunidade!

O Grupo de Formandos



6. PONTE DA PARTILHA

Um Caminho para a Realidade...

“Sempre de mãos dadas com outras instituições, tentámos realizar, no dia a dia, a Utopia de que falava João dos Santos de criar condições de mais dignidade e mais alegria para as nossas Crianças.”

Manuela Ramalho Eanes

Presidente do Instituto de Apoio à Criança



ESCOLA SECUNDÁRIA DE D. DINIS

2011-2012



6.1. RECURSOS

“O desafio de viver é permanente, diário e de grande exigência. Mais se faz sentir quando se trata de mudar comportamentos. A aposta na educação das pessoas traz frutos a médio e longo prazo e nem sempre os resultados são visíveis no dia-a-dia. Acreditar é, portanto, fundamental!”

Ana Isabel Carichas

Responsável pela equipa do NEF (IAC)

Para implementar e desenvolver o Projecto foi preciso criar os meios necessários para a sua realização. Falamos de recursos humanos, financeiros e logísticos. Falamos do elo que conecta o pensamento à acção... falamos da Equipa do Projecto - uma “equipa interinstitucional e intersectorial” onde o social, o económico e os sectores públicos e privados, estabelecem a ponte de ligação que permite interagir e caminhar seguramente nos dois sentidos.

Partilha de
saberes e de
missões...
Uma sociedade
mais humana.

Esta partilha de saberes e de missões gera, para ambos os lados, aquilo a que podemos chamar “a verdadeira riqueza” – uma sociedade mais humana.

Para além do Instituto de Apoio à Criança, foi necessário envolver outras entidades que permitiram o financiamento necessário para a implementação e execução do Projecto.

A ESAN – Rede Europeia de Acção Social

Uma Política
Social
Europeia...
O respeito
pelos Direitos
Fundamentais.

Criada em 1991, a Rede tem como objectivos: “Desenvolver a cooperação entre as organizações sociais sem fins lucrativos e estimular uma política social europeia coerente, fundada sobre o respeito dos «Direitos Fundamentais» com especial incidência no domínio das crianças”. O Instituto de Apoio à Criança enquanto membro da ESAN, contou neste Projecto, com a colaboração da actual Presidente do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado em Portugal **Elza Chambel**, que representa o IAC no **Conselho Executivo da ESAN** e que foi o elemento intermediário entre o IAC e a Fundação Internacional Carrefour.

A Fundação Internacional Carrefour

Representada pelo seu **Director Jean Marie Fonrouge** e pela **Responsável de Missão Sophie Fourchy**, que desde o início abraçaram o Projecto com a celebração de um Acordo de Contribuição para o seu financiamento.

A Fundação Internacional Carrefour tem como Missão: "Apoiar programas de qualidade, a favor dos mais desprotegidos, através do estabelecimento de diferentes parcerias".

Missão:
Apoiar
programas de
qualidade, a
favor dos mais
desprotegidos.

Neste Acordo, o **Grupo Carrefour Portugal**, representado pelo seu **Administrador Delegado António Baptista**, tinha por missão o acompanhamento e a avaliação do Projecto. Mais tarde, o Grupo Carrefour Portugal envolveu-se também na Componente Prática, como entidade formadora. Não podemos deixar de salientar o profissionalismo e o empenho de toda a equipa do Carrefour, desde as chefias aos colaboradores, que proporcionaram uma experiência rica em boas práticas e a confirmação de que este é o caminho para a verdadeira inclusão social.

Foi também através do Grupo Carrefour Portugal que conseguimos o espaço físico para o seu desenvolvimento – a cedência de duas salas de formação pela empresa Obriverca.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social – Programa para a Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil

Representado pela sua **Directora Joaquina Cadete**. "Considerando as atribuições do PETI, conferidas pela Resolução do Conselho de Ministros nº 37/2004, de 20 de Março, nomeadamente a construção de parcerias locais que assumam a responsabilidade pela coordenação e execução das respostas consideradas necessárias para a protecção de crianças e jovens em perigo e para a prevenção da exploração do trabalho infantil", o Protocolo de Cooperação Institucional já existente, permitiu o co-financiamento do Projecto. Um dos objectivos desta parceria é promover "... a criação de respostas inovadoras ao nível de medidas educativas e formativas". O Projecto "Educar e Formar para Inserir" constitui-se como uma dessas respostas inovadoras.

Construção
de parcerias
locais...
Criação de
respostas
inovadoras ao
nível de
medidas
educativas e
formativas

6.2. (RE) CONSTRUTORES DE VIDAS

“Sentimos que este é o caminho... que fomos uma «peça» importante em determinado momento da vida destes jovens...”

Anabela Alves e Helena Oliveira
Técnica Superior (IAC) e Monitora (IAC)

Instituto de Apoio à Criança

Acreditar no Projecto desde o início, não foi mero optimismo ou excesso de entusiasmo mas sim por convicção de que o IAC, enquanto instituição, tinha a experiência, o know-how e o espírito inovador para, mais uma vez, ter a coragem de ousar avançar com um projecto, que ia alertar consciências, despertar mentalidades e revelar uma nova forma de olhar um problema social que preferíamos não ver/ter.

Reflectir sobre a experiência vivida em toda esta trajectória, implica recordar “os sucessos”, “os insucessos”, os momentos de alegria e de tristeza, partilhados em equipa. Esta partilha espelha a dinâmica que nos caracteriza e que é geradora da motivação e do empenho que se (re) alimenta em cada dia de trabalho, pelas diferentes perspectivas, pela complementaridade, pela capacidade de discussão/reflexão e pela coesão e sintonia na intervenção.

Tudo tem uma história e a nossa equipa também, ela foi criada para implementar e dinamizar o Projecto “Educar e Formar para Inserir”. Reflectir implica olhar para o passado e ter a consciência de que tivemos que crescer enquanto equipa. Tivemos que nos conhecer enquanto pessoas e enquanto profissionais, sem dúvida que a equipa de coordenação do Projecto teve um papel determinante.

A estrutura hierárquica e os conteúdos funcionais delineados, asseguraram uma metodologia organizacional que permitiu uma intervenção multidisciplinar aos vários níveis e nos mais diversos patamares de decisão.

Intervenção
multidisciplinar
aos vários níveis
e nos diferentes
patamares de
decisão.

José Coelho Antunes – Vice-Presidente da Direcção do IAC

Elemento da Direcção do Instituto de Apoio à Criança, que se relaciona directamente com o Projecto Rua, com vista a emanar directrizes e orientações estratégicas da intervenção no geral e, do Projecto “Educar e Formar para Inserir” em particular.

“O projecto Rua atravessou várias fases de evolução desde a sua criação (...) A intervenção passou da criança para a comunidade, do trabalho da rua ao desenvolvimento local, da informação para a formação. (...) É um trabalho efectuado em conjunto para a cidadania activa, livre e responsável, um combate contra a exclusão, uma abertura para novos horizontes de modernização e de desenvolvimento humanos numa perspectiva central de desenvolvimento global da criança, da defesa e da promoção dos seus direitos.”⁵

Matilde Sirgado – Coordenadora Geral do Projecto Rua (IAC)

Elemento responsável pela orientação geral e supervisão do desenvolvimento e implementação do Projecto face aos objectivos e estratégias definidas.

“(...) Com efeito, o desenvolvimento integral da personalidade de todas as crianças é uma das finalidades da educação. A formação de cidadãos conscientes, responsáveis, participativos e solidários, passa pelo desenvolvimento da capacidade de relacionamento com os outros, aceitando e valorizando as diferenças e compreendendo o verdadeiro significado da palavra respeito face aos outros e face a si próprio.”⁶

Ana Isabel Carichas – Responsável pela Equipa do NEF (IAC)

Responsável pela orientação directa da equipa de intervenção e coordenação das acções inerentes à implementação das diferentes fases do Projecto.

“(...) abrir novos horizontes aos nossos formandos. Esperamos que estas acções produzam nestes jovens o efeito e consequências pretendidas: (re)construção de um projecto de vida saudável.”

⁵ Excertos da Introdução “Da criança à comunidade” - Vice-Presidente do IAC
Mutações da Sociedade – Revolução do Trabalho Social
Paris, Associação Emmaüs – Instituto de Apoio à Criança, 1999

⁶ Excerto do Editorial “Ser – Emocional” – Coordenadora Geral do Projecto Rua
Folha Informativa do Projecto Rua, nº 48 Lisboa, Instituto de Apoio à Criança, 2008

Ana Isabel Mendonça – Psicóloga Criminal (IAC)

Elemento da equipa responsável pelo treino de competências pessoais e sociais dos formandos e ainda pelo seu acompanhamento directo na perspectiva do trabalho em sala.

“(...) estas actividades também permitem estar mais próximos do outro, conhecer o outro, e ajustar padrões de intervenção que ajudem na construção de projectos de vida. (...) Pretendemos possibilitar oportunidades para que em qualquer altura das suas trajetórias, saibam explorar e (re) direccionar a sua relação consigo próprios e com o mundo que os rodeia.”

Anabela Alves – Técnica Superior de Educação Social (IAC)

Elemento responsável pelo acompanhamento pedagógico dos formandos junto da(s) entidade(s) formadora(s) e/ou escolas numa perspectiva de avaliação.

“A relação construída ao longo do seu percurso não é apenas uma relação formando/formador, mas sim uma relação caracterizada pelo afecto, proximidade e pela aprendizagem mútua. (...) Os jovens que já terminaram a formação continuam a procurar-nos, seja para pedir ajuda ou apenas para nos contarem novidades.”

Hugo Pereira – Técnico Superior de Psicopedagogia Curativa (IAC)

Responsável pelo acompanhamento dos formandos ao nível do trabalho de desenvolvimento das competências pessoais e sociais, como um instrumento facilitador da relação, na perspectiva das actividades de exterior.

É ainda o elemento responsável pela implementação e dinamização dos processos de avaliação de desempenho dos formandos.

“(...) este acompanhamento permite intervir em tempo próprio e faz com que o formando perceba a ligação entre as diferentes componentes formativas. (...)”

Isabel Porto – Técnica Superior de Política Social (IAC)

Elemento da equipa responsável pela promoção do relacionamento interinstitucional do ponto de vista da dinamização da parceria e do acompanhamento social.

“... A nossa equipa, a do Projecto, é a fusão que se deu de forma natural, com os técnicos de outras instituições com quem trabalhamos diariamente.”

Helena Oliveira – Monitora (IAC)

Elemento co-responsável pela dinamização de actividades lúdico-pedagógicas de exterior, bem como pela organização das contas relativas aos formandos (transportes e abono de refeição) e às restantes actividades da equipa.

É ainda o elemento de referência para agilizar e operacionalizar todos os procedimentos inerentes à documentação legal dos formandos.

“ Sinto que apesar de todas as vivências que já passaram, são jovens iguais aos outros que precisam de atenção, tempo, “mimo”, essencialmente alguém que esteja disponível para eles.”

Luís Caldeira - Técnico Superior de Animação Sociocultural (IAC)

Durante o último ano, em regime de substituição, tivemos um colega na equipa, um **Técnico Superior de Animação Sociocultural – Luís Caldeira**. Pedimos-lhe o seu contributo enquanto profissional que teve oportunidade de viver esta experiência. O seu testemunho deixa transparecer a visão de quem chega à equipa e se depara com uma forma diferente de estar e de agir junto destes jovens.

“(...) Mais que um projecto de novas oportunidades, o Projecto “Educar e Formar para Inserir” é uma porta para a reconstrução de sonhos que por muitos motivos foram abafados. Trata-se de um regresso à escola. Que momento tão importante! É claro que a sensação não é a mesma quando se vai pela primeira vez, mas é com certeza uma experiência muito gratificante, que muitas vezes, verbalizada ou não pelos jovens, se revela no brilho dos olhos. O medo sentido no primeiro dia de escola aos seis anos de idade é substituído pelo alívio de ter uma hipótese de vencer, de ter uma nova oportunidade, há muito esquecida, de aprender a crescer, de aprender a ser e a sentir, de aprender a fazer e o mais importante – aprender a aprender. A filosofia deste projecto é realmente proporcionar momentos inesquecíveis e experiências estruturantes a nível psicossocial numa fase tão importante e bonita como a adolescência, mas para além disso, reafirmar que a inter-ajuda, o trabalho em parceria e em equipa são cruciais para a dinamização desta metodologia. (...) ”

O Projecto foi elaborado/orientado para uma metodologia de intervenção integrada com todos os parceiros. Partimos do princípio que *“ninguém faz nada sozinho”*. Acreditamos que, enquanto actores sociais, somos essencialmente, impulsionadores, facilitadores e dinamizadores de processos de mudança.

Foi com este espírito que convidámos profissionais da educação para integrarem a equipa de formadores do Projecto.

Ministério da Educação – Direcção Regional de Educação de Lisboa, Escola Secundária D. Dinis

Foi homologado por despacho de **Sua Excelência a Ministra da Educação Maria de Lurdes Rodrigues**, um Protocolo de Cooperação estabelecido entre o Instituto de Apoio à Criança e a Escola Secundária D. Dinis, representada pelo **Presidente do Conselho Executivo José António Sousa** e da **Vice-Presidente Maria de Lourdes Rosa**.

“(…) Sendo os jovens sujeitos históricos e socialmente únicos, a intervenção da Escola enquanto entidade certificadora de competências, não se pode manter estática e holística, antes deve sempre estar sujeita a mudanças. (...)”

No âmbito da Componente Teórica do Projecto, esta parceria de leccionação permitiu ter uma equipa de formadores com o perfil adequado. O seu testemunho espelha a forma como *“sentem”* estes jovens...

“(…) Assim, a ideia que orienta esta formação não é de uma Escola apenas formal mas sobretudo uma Escola prática, afectiva e empática. Não chega formar, é preciso educar... De facto, estes jovens problemáticos não são em si mesmo um “problema” social no sentido de serem geradores de uma crise de valores ou de um conflito de gerações, antes constituem um problema porque carecem de identidade pessoal e reconhecimento social. Estes jovens com identidades confusas/difusas encontraram na rua o suporte das suas vivências. O seu bilhete de identidade não é representativo da sua personalidade antes representa imagens fragmentadas de um espelho estilhaçado.”

Os professores, para além da vasta experiência na área de currículos alternativos, demonstraram desde o início um enorme profissionalismo, visível na elaboração dos conteúdos programáticos

adaptados à metodologia do Projecto, nos meios e nas estratégias pedagógicas adoptadas e, muito especialmente, na capacidade de estabelecer uma relação empática com os formandos.

Um perfil adequado. A capacidade de estabelecer empatia.

“(...) Esta experiência, inicialmente, foi uma sensação de vazio e de desordem... Que fazer e como fazer, perante este tipo de jovens, que têm regras e vivências solipsistas tão profundas que constituem o núcleo estruturante do seu “eu” – lei da sobrevivência?

O envolvimento de todo o corpo docente - **Isabel Serrano**, professora de Inglês; **Paula Vilela**, professora de Português; **Celestino Escalreira**, professor de Matemática para a Vida e **Miguel Roriz**, professor de Cidadania e Empregabilidade, foi decisivo para a mudança observada nos jovens. O gosto por aprender e a valorização do conhecimento passaram a fazer parte das suas vidas.

No seu testemunho enquanto profissionais que viveram esta experiência, podemos ler:

De facto, o primeiro ano foi muito complicado, quer no plano das empatias sociais – foi necessário recorrer a actividades lúdico-comportamentais – quer no plano formativo/cognitivo com o recurso a aulas práticas, para que houvesse uma adesão mínima por parte destes jovens ao plano de formação (...)

Hoje pensamos que estamos perante uma experiência difícil mas singular e com fundadas expectativas... Dado o seu objecto de trabalho: Jovens sem esperança, sem expectativas, sem identidade pessoal e social – vidas truncadas.

A experiência, além de formal, é sócio-educativa e tem como finalidade não só o reconhecimento de cada um destes jovens, mas também a compreensão dos diferentes sentidos que atribuem à vida, à escola e à sua acção na sociedade. (...)

Face à escola estes jovens têm a cultura de uma «adesão distanciada» (...) com experiências de vida demasiado problemáticas e traumáticas que se viram na obrigação de, inteligentemente, seguirem a lei da rua, o mesmo é dizer, a lei da sobrevivência.

Sendo este o «plano» da nossa experiência e projecto formativo, cremos que podemos fazer esta avaliação:

- Tendo sido jovens que se distanciaram da escola, estão lentamente a apropriar-se dela, a atribuir-lhe vários sentidos, nomeadamente a sua importância na interiorização de regras pessoais e necessária utilidade numa perspectiva de futuro.

- Esta nova experiência, além de regras de conduta, tem sido uma importante rede de interações afectivas, emocionais e comportamentais..., cada um destes jovens começa a identificar-se com os limites do seu espaço. (...) é muito importante, porque é uma das últimas «portas» que a sociedade abre a estes jovens para que encontrem projectos pessoais e concretizem alguns sonhos de futuro.

(...) O melhor objectivo/expectativa que cada formador tem traduzido em realidade é a superação de uma «vida de rua» sempre desviante, para a construção de um «eu» pessoal e socialmente integrado.

Aqui, no Projecto, todas as áreas do saber se cruzam, todas as intervenções aos diferentes níveis, convergem de forma a conjugar esforços, criando uma sintonia de acções que tem permitido a todos os profissionais envolvidos, reconstruir vidas... interromper percursos marginais.

Os parceiros
são os nossos
colegas de
equipa que
trabalham
noutras
instituições.

"... vamos ligar à Célia... à Fátima... à Mónica... e pensamos no que podemos fazer, encontramos uma nova estratégia, uma abordagem diferente... juntos podemos fazer mais..."

Verbalizações como esta, são usuais no nosso dia-a-dia. Os parceiros, são os nossos colegas de equipa que trabalham noutras instituições. Este é sem dúvida, um factor de sucesso do Projecto, sem os nossos colegas não teríamos conseguido que muitos jovens fizessem o percurso que fizeram.

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML)

Desde o início que contámos com a colaboração das várias equipas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que intervêm junto das famílias. Desde as equipas do Acolhimento Social até às equipas que têm uma intervenção com Famílias com Jovens em Risco.

A articulação com estas equipas permitiu uma intervenção concertada e uma conjugação de esforços, facilitando o processo de promoção das competências familiares/nos jovens acompanhados pelo Projecto.

Ao longo deste tempo, destacamos a experiência de parceria com a **Equipa de Apoio a Famílias com Crianças e Jovens em Risco – Oriental 2**. Esta experiência constitui para nós, o exemplo de uma boa prática de intervenção realizada pela SCML, no âmbito da intervenção característica destas equipas.

Uma boa
prática na
intervenção
com famílias.

Desde o primeiro grupo de formandos do Projecto, foi conseguida uma excelente articulação com todos os elementos desta equipa, sendo a **Célia Peneireiro**, o elemento de referência para nós. Um verdadeiro trabalho em parceria que resultou numa intervenção integrada. As acções desenvolvidas conduziram a mudanças visíveis na dinâmica familiar onde as interações estabelecidas entre os vários elementos da família passaram a ser mais gratificantes e afectivas. No seu testemunho podemos ler:

“Ao longo da intervenção desenvolvida com famílias com jovens em situação de risco, tem sido visível a dificuldade que grande parte dos jovens acompanhados apresenta em cumprir a escolaridade mínima obrigatória. Trata-se de jovens integrados em contextos familiares pouco estimulantes, em que os cuidados prestados pela(s) figura(s) cuidadora(s) revelam fragilidades que se reflectem em várias dimensões, sobretudo ao nível da integração social. (...)”

Com dificuldades em acompanhar o currículo escolar, uma percentagem significativa dos jovens apresenta um percurso educativo marcado pelo insucesso o que acentua o seu sentimento de incapacidade e de desmotivação, condicionando a sua disponibilidade para a aprendizagem. Este aspecto é reforçado por atitudes e convicções dos pais que frequentemente manifestam baixa valorização do percurso escolar dos filhos, não se envolvendo no processo educativo dos mesmos.

Também a fragilidade económica dos agregados contribui para a prematura intenção de autonomia financeira por parte destes jovens, verificando-se abandono escolar em prol de uma integração profissional que acaba por se revelar precária, contribuindo para a manutenção do ciclo de pobreza ao longo de gerações.

O Projecto “Educar e Formar para Inserir” do IAC, foi apresentado como a alternativa que possibilitaria a estes jovens um novo enquadramento educativo com vista à conclusão da escolaridade mínima obrigatória e uma integração sócio profissional mais estável, contribuindo para a sua real autonomização.

(...) o facto de contemplar formação ao nível das competências pessoais dos jovens, este projecto tem vindo a colmatar algumas fragilidades manifestadas pelos mesmos nas suas relações interpessoais (resolução de conflitos, resistência à frustração e adequação de comportamentos e atitudes a diversos contextos.

(...) Apesar das flutuações e fragilidades vividas no seio destas famílias, um número significativo dos jovens encaminhados para este projecto tem

feito um percurso favorável. O respeito pelas características e ritmos específicos de cada jovem e a metodologia utilizada pelo Projecto têm, entre outros aspectos, contribuído para a melhoria da sua auto-estima, com repercussões evidentes ao nível do seu sentimento de auto-eficácia. Estes jovens têm vindo a manifestar uma crescente capacidade para se tornarem agentes activos na definição do seu projecto futuro, posicionando-se de forma crítica relativamente a si próprios e aos seus contextos de vida, aspecto que sem dúvida contribui para uma integração social mais acessível, adaptada e estável.”

Também a área da justiça foi, durante este tempo, uma presença constante. Os jovens que integram o Projecto, têm na sua maioria, processos a decorrer nesta área.

Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS)

Desde o primeiro grupo de formandos, que estabelecemos contacto com a **Equipa Lisboa Tutelar Educativo 1**. Apenas um jovem nos tinha sido sinalizado por esta equipa, pela Fátima Rocha, que passou desde então a ser o nosso elemento de referência.

A articulação com todos os elementos desta equipa revelou-se sempre de extrema importância para o nosso trabalho. Para além do empenho e do profissionalismo de todos os técnicos com quem trabalhámos, salientamos a experiência de uma intervenção integrada que, mesmo em patamares diferentes, permitiu ultrapassar dificuldades inerentes às características destes jovens e reforçar as competências trabalhadas para que estes pudessem cumprir a medida que lhes tinha sido aplicada, de forma responsável (e conscientes da necessidade de mudança). No fundo, trata-se de educar para o direito e para a cidadania.

A reflexão sobre a articulação mantida no âmbito do Projecto – testemunho da **Coordenadora da Equipa - Leonor Fechas**, constitui para nós um importante feedback do impacto do Projecto para estes jovens e da mais-valia para a intervenção que a equipa de reinserção social desenvolve.

“ (...) Inicialmente, o encaminhamento dos jovens em acompanhamento por esta Equipa centrava-se na frequência de actividades constantes dos módulos de desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Estas actividades surgiam como pertinentes para a nossa intervenção uma vez que a nossa população-alvo se encontrava desocupada, sem rotinas estru-

turadas e revelando défices ao nível das competências que condicionavam a prossecução ao nível formativo ou de contexto de trabalho. Com a criação do Projecto “Educar e Formar para Inserir”, o LAC passou a dar-nos resposta ao nível formativo, em contexto de trabalho, para jovens, das Freguesias do Beato, Marvila e Santa Maria dos Olivais, em situação de exclusão do sistema regular de ensino, assim como, dos cursos de formação, com regras rígidas e sem a mediação, tão necessária, de um período de adaptação e que fosse centrado no desenvolvimento das competências pessoais. Neste contexto foi possível integrar cerca de 15 jovens acompanhados por esta equipa, nos três anos de existência do Projecto.

(...) Com a continuidade dos contactos/acompanhamento dos jovens encaminhados foi perceptível que a articulação em paralelo entre esta equipa e os técnicos do referido Projecto facilitava uma resposta integrada às dificuldades dos jovens, assim como, das suas respectivas famílias.

Assim, ao longo da articulação mantida, apercebemo-nos que este Projecto do LAC não se limitava apenas a disponibilizar uma componente formativa, intervindo igualmente junto dos jovens e das famílias, em parceria com esta equipa e outras instituições existentes na comunidade, assumindo-se esta componente como a principal mais-valia para a nossa intervenção, em casos particularmente difíceis ao nível da exclusão social. No contexto da intervenção multidimensional, conjunta e comprometida, mantida, que reconhecemos profícua, esta Equipa mantém a expectativa de alargar a metodologia a outras áreas geográficas, para além das freguesias anteriormente mencionadas.”

Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Lisboa Oriental

A articulação entre a equipa do Projecto e os elementos da Comissão, foi desde o início uma realidade. A colaboração do IAC nas medidas de promoção e protecção permitiu-nos desenvolver em conjunto, uma intervenção mais eficaz na remoção das situações de perigo e na reconstrução de novas trajectórias de vida. Esta é a nossa reflexão mas o testemunho da Comissão de Protecção, representada pela sua **Presidente Rita Bexiga**, permite-nos perceber que o Projecto também se constitui numa mais-valia para o trabalho desenvolvido por esta Comissão.

Remoção das situações de perigo...
Reconstrução de novas trajectórias de vida...

“Considerando que a situação do abandono escolar é uma problemática dominante, cuja intervenção junto dos jovens entre os 12 e os 18 anos de idade é difícil, dada a insuficiência de recursos de inserção escolar e profissional/ vocacional, é parecer desta Comissão de Protecção que este Projecto é um importante contributo.

O Projecto Educar e Formar para Inserir, enquanto resposta alternativa aos recursos existentes, representa uma mais-valia para o trabalho desenvolvido em articulação entre o LAC e a Comissão de Protecção, bem como para a comunidade em geral.”

Ao longo destes 3 anos, fomos construindo naturalmente, uma intervenção partilhada pelas dificuldades e pelos “pequenos” grandes sucessos com todos os técnicos envolvidos em cada uma das situações dos jovens que integraram o Projecto.

Em relação às expectativas que tínhamos no início, no que respeita à mudança de estilo de vida dos jovens integrados, não pensámos que tantos conseguissem terminar o seu percurso e que se verificassem as alterações significativas que observámos no rumo das suas vidas.

Nalguns esta mudança foi radical e a sua passagem pelo Projecto permitiu dar-lhes a motivação pessoal para continuarem os estudos e até mesmo, para se formarem em áreas que lhes permitirá ajudar crianças/jovens que estão em risco de seguirem percursos idênticos àqueles que eles tiveram. Este efeito multiplicador não fazia parte das expectativas iniciais mas sem dúvida que merece destaque nesta reflexão. As nossas expectativas foram ultrapassadas mas este facto só vem reforçar a convicção de que podemos fazer mais e melhor.

O acto de
partilhar...
Um efeito
multiplicador.

Ao longo destes três anos, fomos sempre recriando e adaptando metodologias e formas de actuação, sempre que nos deparávamos com uma nova situação ou com uma nova etapa, pelo desenvolvimento e dinâmica do próprio Projecto.

É verdade que não temos conseguido dar resposta aos inúmeros pedidos para integrar jovens onde tudo já falhou mas, como dizia a **Dra. Adelina Odete Marques**: *“Uma verdade hoje é uma mentira amanhã”*. Mentora do Projecto Rua, Mulher de convicções fortes e de princípios grandiosos, onde a dignidade e o respeito pela pessoa humana tiveram um lugar de destaque na sua vida aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com ela, sabem que *“Acreditar”* é a força motriz que conduz à mudança, à realização. No entanto, *“Partilhar”* é indispensável para que se concretize plenamente a mudança. É o acto de partilhar que conduz à participação activa e que permite, a cada um de nós, em cada momento da vida, mudar o mundo à nossa volta, contribuindo para uma verdadeira Humanidade.

Daqui a 3 anos, este Projecto terá certamente uma nova dinâmica, pela flexibilidade e adaptabilidade que o caracterizam. Esta é a expectativa que temos em relação ao futuro: que continuemos a ter a capacidade para inovar, com profissionalismo e criatividade mas também, de partilhar esta experiência para que outros profissionais também o possam fazer, dinamizando um Projecto que na sua essência, tem implícito o princípio de que nada é imutável e que é pela conjugação de esforços que se consegue concretizar o objectivo de se recriarem respostas alternativas na área da educação e formação, enquanto existirem jovens que não tiveram oportunidade de aprender a interagir consigo, com os outros e com a própria vida. É preciso semear para colher e como diz um provérbio chinês: *"É nas sementes do presente que estão todas as flores do futuro"*.

Acreditar é a força motriz que conduz à mudança.

A todos os Profissionais que connosco "semearam" este Projecto, aqui fica uma enorme gratidão pelo profissionalismo, pela partilha de missões e saberes e pelas oportunidades de aprendizagem e de conhecimento.

*Em nome do Instituto de Apoio à Criança, **Muito Obrigado!***



7. INSTRUMENTOS TÉCNICOS

"Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento."

Provérbio Chinês

7.1. PROCESSO DE CANDIDATURA

- Ficha de Candidatura
- Guião de Entrevista de Selecção



PROJECTO “EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR”
FICHA DE PRÉ-CANDIDATURA

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____

HABILITAÇÕES ESCOLARES: _____

SITUAÇÃO ESCOLAR: _____

ENTIDADE SINALIZADORA: _____

RESPONSÁVEL: _____ CONTACTO: _____

ÁREAS DE INTERESSE VOCACIONAL: _____

MOTIVO DA CANDIDATURA: _____

DATA: _____



Projecto Educar e Formar para Inserir

GUIÃO DE ENTREVISTA DE SELECÇÃO

- 1. Identificação Pessoal**
 - Aferir os dados pessoais da ficha de pré-candidatura;
 - Aferir os dados do agregado familiar com especial incidência na idade e nas ocupações/profissões dos elementos que o compõem (Sempre que possível aferir se a família é acompanhada localmente e nome do técnico).
- 2. Historial do Percurso Escolar**
 - Frequência de pré-primária;
 - Idade de ingresso no 1º Ciclo;
 - Ano escolar e motivo das retenções verificadas (perspectiva do jovem e dos pais);
 - Localizar no tempo a situação de abandono escolar e a sua recorrência;
 - O que mais gostava/o que menos gostava na escola;
 - Tipos de comportamentos adoptados em recinto escolar e fora deste;
 - Capacidade de atenção e concentração em contexto sala.
- 3. Situação Actual**
 - Rotina diária do jovem (Horários, ocupações, relação com os pares...);
 - Identificar vulnerabilidades, factores de risco e situações de perigo existentes na situação actual do jovem.
- 4. Áreas de Interesse Vocacional**
 - Existência ou não de experiência de trabalho;
 - Expectativas do jovem em relação ao exercício de uma actividade profissional na óptica das funções e tarefas inerentes a essa profissão;
 - Devolução da realidade profissional na óptica das competências pessoais e profissionais necessárias ao desempenho dessa actividade profissional;
 - Consciencialização da necessidade de fazer um percurso "passo a passo" para que as suas preferências possam ser uma realidade;
 - Motivação para a execução desse percurso, apresentando o Projecto Educar e Formar para Inserir, como um recurso/oportunidade para dar os primeiros passos.
- 5. Explicação de Metodologia de Funcionamento do Projecto**
 - A existência de um plano individual construído com o jovem, estabelecendo metas a atingir "passo a passo";
 - A importância do esforço pessoal para o sucesso individual e consequente progressão nos objectivos a atingir;
 - A aquisição de competências escolares (Formação em contexto sala, conteúdos programáticos e sua utilidade prática);
 - Formação em contexto real de trabalho;
 - Formação complementar;
 - Processo de selecção, a importância da motivação/vontade.
- 6. Expectativas do Jovem em Relação ao Projecto Educar e Formar para Inserir**
 - Motivação/vontade de adesão ao projecto;
 - Disponibilidade para o esforço individual;
 - Capacidade de envolvimento num projecto pessoal/definição de um percurso de vida;
 - Capacidade de envolvimento dos pais, neste processo.

7.2. DIAGNÓSTICO E PLANO DE INTERVENÇÃO

- Ficha de Caracterização do Agregado Familiar do Formando
- Plano Individual
- Estrutura das Informações Sociais

PROJECTO "EDUCAR E FORMAR PARA ISEIR"

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR DO FORMANDO

1 - Nome: _____

2 - Data de Nascimento: ____/____/____

3 - Morada: _____

Código Postal: _____ - Localidade: _____

4 - Contacto: _____

5 - Pessoa responsável para contacto: _____

6 - Agregado Familiar: _____

6.1 - Composição:

Nome	Parentesco	Idade

6.2 - Caracterização

Com quem vive:

☐ Família biológica (pai e mãe)	Sim	Não
☐ Família com relação de parentesco (irmãos, avós, tios,...)	☐	☐
☐ Família sem relação de parentesco	☐	☐
☐ Criança/Jovem a cargo de si próprio	☐	☐
☐ Representante legal	☐	☐
☐ Quem detém a guarda de facto	☐	☐

6.3 - Tipologia familiar

Com quem vive:

☐ Família nuclear com filhos	Sim	Não
☐ Família nuclear sem filhos	☐	☐
☐ Família mono parental feminina	☐	☐
☐ Família mono parental masculina	☐	☐
☐ Família reconstituída (pais com filhos de outras uniões)	☐	☐
☐ Família alargada	☐	☐
☐ Família adoptiva	☐	☐
☐ Família de acolhimento	☐	☐
☐ Criança/Jovem a viver sozinho	☐	☐



7 – Problemáticas de saúde associadas:

- | | Sim | Não |
|----------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| o Alcoolismo | ☐ | ☐ |
| o Toxicodependência | ☐ | ☐ |
| o Doenças incapacitantes/físicas | ☐ | ☐ |

Quais:

- | | | |
|-------------------------|--------------------------|--------------------------|
| o Doenças psiquiátricas | ☐ | ☐ |
|-------------------------|--------------------------|--------------------------|

Quais:

8 – Práticas ilícitas:

- | | Sim | Não |
|-----------------|--------------------------|--------------------------|
| o Roubos/furtos | ☐ | ☐ |
| o Tráfico | ☐ | ☐ |

Outras:

9 – Outros comportamentos:

- | | Sim | Não |
|---------------|--------------------------|--------------------------|
| o Negligência | ☐ | ☐ |

Quando:

Quem:

Infractor

Vítima

- | | | |
|------------|--------------------------|--------------------------|
| o Abandono | ☐ | ☐ |
|------------|--------------------------|--------------------------|

Quando:

Quem:

Infractor

Vítima

- | | | |
|---------------|--------------------------|--------------------------|
| o Maus-tratos | ☐ | ☐ |
|---------------|--------------------------|--------------------------|

Quando:

Quem:

Infractor

Vítima

- | | | |
|------------------|--------------------------|--------------------------|
| o Abusos sexuais | ☐ | ☐ |
|------------------|--------------------------|--------------------------|

Quando:

Quem:

Infractor

Vítima

O Técnico

Data

__/__/__



IAC
Instituto de Apoio à Criança

BLOCO PESSOAL

PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR
PLANO INDIVIDUAL

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Entidade Sinalizadora / Técnico / Contacto: _____

ENTIDADES ENVOLVIDAS NO ACOMPANHAMENTO	PLANO CONJUNTO DELINEADO . RESPONSABILIDADES DE CADA ENTIDADE



**PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR
ESTRUTURA DAS INFORMAÇÕES SOCIAIS**

1. Identificação do Jovem

Nome

Data de Nascimento: ____/____/____

Filiação

Morada

Composição do Agregado Familiar

2. Integração no Projecto Educar e Formar para Inserir

Recepção da Candidatura.

Entrevista de Selecção.

Critérios que priorizaram a sua Selecção.

Data do Início da Formação Complementar (remeter para anexo o quadro com os Módulos do Projecto "Educar e Formar para Inserir").

3. Percurso Educativo/Formativo do Jovem

Integração/Diagnóstico Inicial.

Avaliação de Desempenho.

Início da Formação Prática e seu Desenvolvimento/Avaliação de Desempenho.

Início da Formação/Teoria e seu Desenvolvimento/Avaliação de Desempenho.

Articulação com Família.

Articulação com Parceiros.

4. Situação Actual

Em relação à frequência no Projecto "Educar e Formar para Inserir"/Plano Individual.

Em relação ao Envolvimento da Família no Processo Educativo/Formativo.

Em relação ao Plano de Intervenção Integrado estabelecido com os parceiros.

5. Parecer da Equipa Técnica

7.3. PROGRAMA DE TREINO DE COMPETÊNCIAS

- Grelhas de Competências Pessoais, Emocionais, Sociais e Profissionais
- Ficha de Autoavaliação

 IAC Instituto de Apoio à Criança PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR			
MÓDULOS	COMPETÊNCIAS	DIMENSÃO	METAS
Pessoal	Saúde	Higiene Pessoal	Apresentação pessoal
			Hábitos de higiene
		Hábitos de refeição	Alimentação adequada
	Estimular a capacidade cognitiva	Comportamentos de risco	Reconhece comportamentos de risco e sabe as suas consequências
		Atenção	Participação e perseverança
			Interesse e Empenho
		Aprendizagem	Atitude face a novas aprendizagens

GRELHA DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

- | |
|--|
| 1. Raramente se apresenta com roupa adequada ao contexto em que se insere e em mau estado de conservação |
| 2. Apresenta-se por vezes com roupa adequada, mas em mau estado de conservação |
| 3. Apresenta-se por vezes com roupa adequada e em bom estado de conservação |
| 4. Apresenta-se com roupa adequada ao contexto e em bom estado de conservação |
| 1. Não reconhece e não aplica qualquer hábito de higiene |
| 2. Reconhece alguns dos hábitos de higiene e aplica-os com muita irregularidade |
| 3. Tem conhecimento dos hábitos de higiene pessoal, aplicando-os algumas vezes |
| 4. Tem conhecimento dos hábitos de higiene pessoal, aplicando-os no seu dia-a-dia |
| 1. Não tem qualquer hábito alimentar, apresentando uma alimentação descuidada e em horários irregulares e por vezes nem sequer se alimenta |
| 2. Alimenta-se sempre apesar de apresentar uma alimentação descuidada e/ou em horários irregulares |
| 3. Alimenta-se sempre, mas tem algumas vezes uma alimentação descuidada |
| 4. Alimenta-se sempre, tem uma alimentação cuidada e em horários regulares |
| 1. Não reconhece comportamentos de risco nem sabe as suas consequências |
| 2. Reconhece alguns comportamentos de risco, mas não sabe as suas consequências |
| 3. Reconhece comportamentos de risco e sabe algumas das suas consequências |
| 4. Reconhece comportamentos de risco e sabe as suas consequências |
| 1. Não participa nas actividades |
| 2. Mostra relutância em participar, desistindo facilmente das actividades |
| 3. Mostra alguma relutância em participar, não desistindo facilmente das actividades |
| 4. Participa na execução das actividades não desistindo das mesmas |
| 1. Revela total desinteresse não se empenhando nas actividades propostas |
| 2. Revela desinteresse mas por vezes empenha-se nas actividades propostas |
| 3. Mostra algum interesse empenhando-se nas actividades propostas |
| 4. Revela total interesse e empenho nas actividades propostas |
| 1. Não demonstra nenhum interesse quando confrontado com novas aprendizagens |
| 2. Mostra algum interesse inicial, mas desiste |
| 3. Mostra interesse, mas por vezes acaba por desistir |
| 4. Mostra muito interesse e dificilmente desiste |

módulos	competências	dimensão	metas
Pessoal	Estimular a capacidade cognitiva		Aquisição e aplicação de conhecimentos
		Raciocínio	Raciocínio lógico
			Raciocínio Numérico (Conhece e utiliza a numeração)
		Resolução de problemas	É capaz de identificar o problema e pensar sobre ele
			É capaz de tomar uma decisão e implementa-la
	Temporal	Noção temporal	Tem e cumpre horários diários

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

	1. Não consegue adquirir novos conhecimentos 2. Adquire por vezes novos conhecimentos, mas não consegue aplica-los 3. Adquire novos conhecimentos, mas apresenta dificuldades em aplicar 4. Adquire e aplica novos conhecimentos
	1. Sem pensamento coerente e adequado à situação/ momento 2. Pensamento com alguma coerência, mas raramente adequado à situação/ momento 3. Pensamento com alguma coerência e adequado à situação/ momento 4. Pensamento coerente e adequado à situação/ momento
	1. Não conhece os números 2. Conhece os números, mas não consegue efectuar qualquer operação matemática com eles 3. Conhece os números e efectua algumas operações matemáticas básicas (soma e subtracção) 4. Conhece os números e efectua operações matemáticas (soma, subtracção, multiplicação e divisão)
	1. Não tem capacidade sequer de identificar o problema 2. Tem alguma dificuldade em identificar o problema, mas consegue ver algumas alternativas para o resolver 3. Não tem dificuldade em identificar o problema e consegue ver alternativas para o resolver 4. É capaz de identificar claramente o problema, vê alternativas para o resolver e consegue definir as possíveis consequências de cada alternativa
	1. Não é capaz de tomar uma decisão sobre a melhor alternativa para resolver o problema 2. Tem dificuldade em tomar uma decisão e quando a toma, não consegue implementá-la 3. Não tem dificuldade em tomar uma decisão mas apresenta dificuldades em implementá-la 4. Não apresenta qualquer dificuldade em tomar uma decisão sobre a melhor alternativa para resolver o problema nem para a implementar
	1. Não tem horários diários preestabelecidos 2. Tem horários diários preestabelecidos, mas nunca os cumpre 3. Tem horários diários preestabelecidos, mas apresenta dificuldade em cumpri-los 4. Tem horários diários preestabelecidos e cumpre-os

 IAC Instituto de Apoio à Criança PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR			
MÓDULOS	COMPETÊNCIAS	DIMENSÃO	METAS
Emocional	Expressão de sentimentos	Maturidade e segurança afectiva	Expressa sentimentos adequados à situação
			Compreende os sentimentos dos outros
	Regulação afectiva	Auto estima	Segurança e Confiança

GRELHA DE COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

1. Nunca expressa os seus sentimentos
2. Por vezes expressa os seus sentimentos, mas desadequados à situação/ momento
3. Por vezes expressa os seus sentimentos e adequados à situação/ momento
4. Expressa regularmente os seus sentimentos de uma forma adequada à situação/momento

1. Não se predispõe sequer a ouvir o outro
2. Tem alguma predisposição para ouvir o outro, mas não o compreende, nem se esforça para o fazer
3. Tem alguma predisposição para ouvir o outro mostrando por vezes dificuldade em compreendê-lo, mas esforça-se para o fazer
4. Tem predisposição para ouvir o outro, esforçando-se sempre para o compreender da melhor forma

1. Não acredita sequer que possui alguma capacidade
2. Acredita que possui algumas capacidades, mas não confia no seu desempenho
3. Acredita que possui capacidades, mas não se sente muito a vontade no seu desempenho
4. Acredita nas suas capacidades e confia no seu desempenho



Instituto de Apoio à Criança

PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR

módulos	competências	dimensão	metas
Social	Comunicação inter-pessoal	Verbal	Escuta activa
			Verbalização
			Transformar ideias em palavras de forma lógica e sequencial
		Não Verbal	Reconhece e utiliza uma expressão corporal adequada (expressões faciais e gestos)
		Gráfica	Transformar ideias e palavras em linguagem escrita
			Diminuir os erros gramaticais

GRELHA DE COMPETÊNCIAS SOCIAIS

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

	1. Não tem capacidade de escutar o outro e interrompe-o constantemente 2. Tem alguma capacidade de escutar o outro, mas interrompe-o constantemente 3. Tem capacidade de escutar o outro, mas por vezes interrompe o seu discurso 4. Capacidade de escutar e intervir no tempo próprio não interrompendo o discurso do outro
	1. Verbaliza constantemente desadequado ao contexto 2. Sente dificuldades em verbalizar, verbalizando apenas quando solicitado 3. Não sente dificuldades em verbalizar, mas verbaliza apenas quando solicitado 4. Verbaliza as suas ideias de uma forma adequada ao contexto e em tempo próprio
	1. Não consegue elaborar um discurso perceptível e nem expor as suas ideias 2. Tem dificuldade em elaborar um discurso perceptível e apresenta dificuldades em expor as suas ideias 3. Apresenta um discurso perceptível mas por vezes tem dificuldades em expor as suas ideias 4. Apresenta um discurso perceptível e expõe as suas ideias sem grandes dificuldades
	1. Não tem qualquer noção de linguagem corporal, as suas expressões faciais e gestos não tem qualquer ligação ao seu discurso 2. Tem algumas noções de linguagem corporal e as suas expressões faciais e gestos por vezes estão coerentes com o seu discurso 3. Tem consciência do que é a linguagem corporal, mas a sua aplicação ainda é inconstante 4. Tem total consciência do que é a linguagem corporal e as suas expressões faciais e gestos estão em sintonia com o seu discurso
	1. Não sabe escrever 2. Escreve com muita dificuldade, não consegue elaborar um texto perceptível e nem expor as suas ideias 3. Sabe escrever, mas tem dificuldade em elaborar um texto perceptível e apresenta dificuldades em expor as suas ideias 4. Consegue escrever um texto perceptível expondo bem as suas ideias
	1. Escreve um texto completamente cheio de erros (+ 50%) 2. Dá muitos erros gramaticais (- 50%) 3. Dá alguns erros gramaticais (- 25%) 4. Não apresenta erros gramaticais

módulos	competências	dimensão	metas
Social	Capacidade relacional	Relação inter-pessoal	Com os colegas
			Com os formadores
		Meio envolvente	Preservação do espaço envolvente
	Assertividade	Comportamento assertivo	Capacidade de dizer “Não”
			Resolução de conflitos inter-pessoais/inter-grupos
			Expressão de sentimentos

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

1. Mostra-se hostil, adoptando atitudes agressivas e conflituosas para com os colegas
2. Revela por vezes atitudes agressivas e improprias a um bom ambiente
3. Procura não perturbar o normal funcionamento das actividades propostas, revelando atitudes de respeito pelos colegas
4. Procura construir, em conjunto com os colegas um ambiente agradável de compreensão e respeito

1. Mostra-se hostil, adoptando atitudes agressivas e conflituosas para com o(s) formador(es)
2. Revela por vezes atitudes agressivas e improprias a um bom ambiente de trabalho
3. Procura não perturbar o normal funcionamento das actividades propostas, revelando atitudes de respeito pelo(s) formador(es)
4. Procura construir, em conjunto com o(s) formador(es) um ambiente agradável de compreensão e respeito

1. Não tem qualquer cuidado com o material que utiliza, deixando-o espalhado ao acaso sem ter a preocupação de o arrumar mesmo quando essa tarefa lhe é pedida
2. Tem algum cuidado com o material que utiliza, mas deixa-o espalhado ao acaso sem ter a preocupação de o arrumar a não ser que essa tarefa lhe seja pedida
3. Tem cuidado com o material utilizado e por vezes mesmo que não lhe seja pedido mostra preocupação em o arrumar
4. Tem cuidado com o material utilizado e arruma-o sempre não sendo necessário pedir-lhe essa tarefa

1. Não consegue dizer “não” sempre que não pode e/ou não está interessado
2. Raramente consegue dizer “não” sempre que não pode e/ou não está interessado
3. Muitas vezes diz “não” sempre que não pode e/ou não está interessado
4. Diz “não” sempre que não pode e/ou não está interessado

1. Usa constantemente de violência física e verbal para resolver os seus conflitos
2. Usa constantemente de violência física ou verbal para resolver os seus conflitos
3. Usa por vezes alguma violência verbal na resolução dos seus conflitos
4. Não usa qualquer violência para resolver os seus conflitos

1. Não reconhece, não identifica e não sabe verbalizar as suas frustrações e mágoas de uma forma adequada
2. Reconhece as suas frustrações e mágoas mas não as consegue verbalizar de uma forma adequada
3. Reconhece as suas frustrações e mágoas mas apresenta alguma dificuldade em verbalizá-las de uma forma adequada
4. Sabe reconhecer, identificar e verbalizar as suas frustrações e mágoas de uma forma adequada

módulos	competências	dimensão	metas
Social			Capacidade de defender as suas ideias e reconhecer os seus direitos e deveres
			Capacidade de aceitar as ideias dos outros
	Resolução de conflitos	Cooperação e negociação	Capacidade de cooperar com o outro
			Capacidade de negociar com o outro

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

1. Não consegue defender as suas ideias e não tem qualquer noção dos seus direitos e deveres
2. Tenta defender as suas ideias, mas não tem qualquer consciência dos seus direitos e deveres
3. Consegue defender as suas ideias e tem alguma noção dos seus direitos e deveres
4. Consegue defender as suas ideias e tem total consciência dos seus direitos e deveres

1. É sempre contra as ideias dos outros, nem sequer se preocupando em perceber o seu conteúdo
2. Tem alguma capacidade para ouvir os outros, mas opõem-se querendo validar sempre as suas próprias ideias
3. Tem alguma capacidade para ouvir e compreender os outros aceitando por vezes as suas ideias
4. Consegue compreender as ideias dos outros e sabe explicar a razão porque estas lhe fazem sentido em detrimento das suas próprias ideias

1. Recusa-se a cooperar com o outro, adoptando atitudes individualistas e anti-sociais
2. Mostra-se relutante em cooperar, mostrando-se por vezes individualista e anti-social
3. Adota atitudes de cooperação com o outro mostrando iniciativa no sentido da troca de conhecimentos e experiências
4. É extremamente cooperativo, procurando colaborar com o outro de modo a estabelecer um espírito de equipa salutar e interactivo

1. Não consegue expor o conflito à outra parte
2. Expõe o conflito e diz em que medida isso o afectou, mas recusa-se a escutar e a compreender o ponto de vista do outro
3. Expõe o conflito e diz em que medida isso o afectou, escuta o outro mas tem dificuldade em compreender o seu ponto de vista
4. Expõe o conflito e diz em que medida isso o afectou, escuta o outro, compreende o seu ponto de vista e consegue que ambos cheguem a uma solução

 IAC Instituto de Apoio à Criança				
PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR				
Profissional	Postura	Conduta	Respeito pelas figuras de autoridade e comportamento adequado às circunstâncias	
	Responsabilidade	Compromissos	Assumir um compromisso do princípio ao fim nas tarefas que lhe são propostas	
			Responder com pontualidade	
			Responder com assiduidade	
		Comportamento	Reconhecer as consequências dos seus comportamentos	
	Capacidade de organização	Planeamento	Sabe planear a execução de uma tarefa	
	Autonomia	Deslocações	É autónomo nas deslocações	
		Execução de tarefas	É autónomo na realização de tarefas	

GRELHA DE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

	1. Não obedece quando chamado à atenção 2. Obedece quando chamado à atenção, mas repete o mesmo comportamento 3. Obedece quando chamado à atenção e não repete o mesmo comportamento 4. Não necessita de ser chamado à atenção pelo seu comportamento
	1. Não tem capacidade de assumir um compromisso 2. Consegue assumir alguns compromissos, mas não consegue cumpri-los até ao fim 3. Compromete-se mas nem sempre assume os seus compromissos até ao fim 4. Assume sempre os seus compromissos até ao fim nas tarefas propostas
	1. Revela elevada falta de pontualidade 2. É pouco pontual (+ 15% do total) 3. É geralmente pontual (- 15% do total), preocupando-se em justificar as situações de atraso 4. Revela-se totalmente pontual
	1. Revela elevada falta de assiduidade 2. Revela algumas faltas de presença (+ 15% do total) 3. É geralmente assíduo (- 15% do total), preocupando-se em justificar as situações de falta 4. Revela-se totalmente assíduo
	1. Não tem qualquer consciência do seu comportamento nem das implicações que este poderá causar 2. Tem alguma consciência do seu comportamento mas não das implicações que este poderá causar 3. Tem consciência do seu comportamento e reconhece algumas das implicações que este pode causar 4. Tem total consciência do seu comportamento e suas implicações
	1. Não consegue planear nem executar uma tarefa 2. Tem muitas dificuldades em planear e executar uma tarefa 3. Consegue planear uma tarefa, mas tem alguma dificuldade em executá-la 4. Consegue planear e executar uma tarefa
	1. Não consegue deslocar-se sozinho e recusa-se a aprender a fazê-lo 2. Não consegue deslocar-se sozinho e apresenta algumas dificuldades em aprender a fazê-lo 3. Desloca-se sozinho e aprende com alguma facilidade sempre que lhe é explicado 4. Desloca-se sozinho e sempre que tem alguma dúvida procura informar-se e aprender por ele próprio
	1. Quando lhe é atribuída uma tarefa nunca a realiza 2. Quando lhe é atribuída uma tarefa por vezes realiza-a 3. Quando lhe é atribuída uma tarefa realiza-a 4. Quando lhe é atribuída uma tarefa, realiza-a, com sucesso



IAC
Instituto de Apoio à Criança

PROJECTO EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR

	saúde			desenvolvimento	
	Higiene e Apresentação	Alimentação	Comportamento de Risco	Participa nas actividades desenvolvidas	Interesse pelas actividades desenvolvidas
	comunicação		relação com o outro		materiaL
	Escuta o outro sem o interromper	Comunica as suas ideias sem dificuldade	Respeita e compreende os seus colegas	Respeita os formadores	Tem cuidado com o material que utiliza e arruma-o depois de o usar
	POSTURA	responsabilidade			
	É chamado à atenção pelo seu comportamento	Participa do princípio ao fim nas tarefas propostas	Chega dentro do horário combinado	Vai à formação nos dias marcados	Sabe as consequências dos seus comportamentos

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

PESSOAL

auto estima

Consegue aplicar os conhecimentos que aprendeu na formação

Consegue identificar problemas

Consegue tomar decisões

Acreditar que é capaz de fazer o que lhe é pedido na formação

assertividade

Não usa de violência física e/ou verbal para resolver os seus problemas

Consegue dizer o que sente

Compreende e respeita as ideias dos outros

organização

autonomia

Consegue planejar e realizar as suas tarefas

Realiza as suas tarefas com sucesso

7.4. PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE O INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA E A ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS



PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE O INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA E A ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS

1. Âmbito

Entre o IAC - Instituto de Apoio à Criança, Projecto Rua, representado pela Dr^a Maria Manuela Ramalho Eanes e a Escola Secundária D. Dinis, representado pelo Presidente do Conselho Executivo, Dr. José António de Sousa, estabelece-se o presente protocolo, tendo como âmbito uma parceria de leccionação no Projecto Educar e Formar para Inserir

2. Objectivos

1. Com o presente protocolo pretende-se construir uma equipa de professores/formadores que permita o desenvolvimento do processo educativo/formativo dos alunos do Projecto Educar e Formar para Inserir
2. Pretende-se, ainda, que os jovens adquiram as competências escolares para a certificação do 4º ano de escolaridade, 6º ano de escolaridade e/ou o 9º ano de escolaridade (B1, B2, B3).

3. Acções

1. O Projecto Educar e Formar para Inserir dispõe de recursos materiais necessários para a execução da componente sócio-cultural e científica.
2. Dispõe, igualmente, de recursos técnicos para colaborar no planeamento, dinamização e avaliação da componente referida em 1.
3. A Escola Secundária D. Dinis dispõe de recursos humanos para leccionar as matérias das disciplinas de Português (90 horas), Inglês (45 horas), Matemática para a Vida (90 horas) e Cidadania e Empregabilidade (45 horas).
4. A leccionação das matérias acima referidas ocorrerá às terças e quintas-feiras (3 horas de manhã e 3 horas de tarde) num total de doze horas semanais, conforme horário em Anexo III.
5. Os docentes elaborarão os conteúdos programáticos das diferentes matérias a leccionar (Anexo IV).



4. Grupo Alvo

1. O grupo é constituído por jovens com habilitações escolares diferenciadas, tal como consta do quadro em Anexo I.
2. Cada grupo base será constituído por dez alunos seriados conforme Anexo II, podendo ser modificada a sua composição pela eventual saída e entrada de outros jovens.

5. Planos Individuais

1. Com a metodologia do projecto proposto, os jovens têm a possibilidade de fazer o seu percurso, a ritmos diferentes uns dos outros, de acordo com o seu empenho e esforço pessoais, pretendendo-se também, nesta componente, que os jovens vão avançando consoante as competências que vão adquirindo.
2. Por força da realização do percurso individual, poderão as horas iniciais ser prolongadas de forma a permitir a concretização dos objectivos dos Planos Individuais.

6. Instrumentos de Avaliação

O Corpo Docente elaborará os instrumentos de avaliação para os respectivos grupos de alunos, dando deles conhecimento prévio aos alunos do grupo.

7. Avaliações Periódicas Individuais

Tendo presente o processo de avaliação e os planos individuais efectuados serão realizadas avaliações periódicas individuais.

8. Calendarização

As actividades do projecto ocorrerão de acordo com o indicado no quadro I, Anexo.

9. Recursos Humanos

Para a leccionação das disciplinas, a Escola Secundária D. Dinis propõe os seguintes professores, todos com vasta experiência nesta área, sendo que, para todos eles, estas horas serão em tempo lectivo extraordinário.



Português - Paula Cristina da Cunha Semedo de Sousa Vilela, Professora do Quadro de Zona Pedagógica da Escola EB 2,3 Aristides de Sousa Mendes, 8º grupo B (código 300 de recrutamento)...

Inglês - Maria Isabel Águedo Serrano, Professora do Quadro da Escola Secundária D. Dinis, 9º grupo (código 330 de recrutamento)...

Matemática para a Vida - Celestino Escaleira, Professor do Quadro da Escola Secundária D. Dinis, 1º Grupo (código 500 de recrutamento)...

Cidadania e Empregabilidade - Miguel António Roriz, Professor do Quadro da Escola Secundária D. Dinis, 10º Grupo B (código 410 de recrutamento)...

As horas definidas no ponto 3, artº3º, poderão ser sucessivamente prolongadas ou prorrogadas, em função das necessidades evidenciadas quer pela realização do Plano Individual dos Alunos, quer pela entrada de novos elementos nos grupos.

10. Outros Recursos

1. O IAC assegurará a reprodução do material necessário para as aulas.
2. Na parte em que tal não seja possível, deverá a Escola Secundária D. Dinis ser abonada da respectiva verba.
O número de cópias estimado encontra-se em Anexo II.
3. O IAC disponibilizará os restantes meios didácticos para as aulas.

11. Outros Custos

1. Tendo em atenção os professores participantes acima referidos, o custo com recursos humanos associados à leccionação das disciplinas referidas, para estas duas turmas é de ...
2. Os encargos com material associados ao projecto é de...



12. Vigência, Revisão, Renúncia e Rescisão

1. O presente protocolo é válido para o presente ano lectivo e considera-se automaticamente renovado se não for denunciado por nenhuma das partes.
2. Por mútuo acordo entre as partes, e em qualquer altura, poderão ser introduzidas alterações ao presente protocolo, as quais constituirão aditamento ao mesmo.
3. Em caso de violência física ou verbal praticada sobre os membros do Corpo Docente, poderão estes, individualmente ou em bloco, desde logo, desvincular-se do objecto do presente contrato.

13. Homologação

O presente protocolo de cooperação é homologado por Sua Excelência a Ministra da Educação.

O Representante do IAC

O Presidente do Conselho Executivo

Lisboa, de Novembro de 2006



Instituto de Apoio à Criança

Certificado de Frequência de Formação Profissional

Decreto Regulamentar nº 35/2002 de 22 de Abril

O Instituto de Apoio à Criança, com o NIPC 501 377 662 e sede no Largo da Memória nº 14, 1349-045 LISBOA, certifica que: _____, natural de _____, nascido a _____, de nacionalidade _____, sexo _____, portador da Autorização de Residência nº _____, emitido em _____, frequentou com a duração total de 475 horas e 30 minutos o Bloco Pessoal – Programa de Treino de Competências Pessoais e Sociais, no âmbito do Projeto Educar e Formar para Inserir, tendo concluído com aproveitamento de nível _____, destacando-se na dimensão da responsabilidade e postura, onde atingiu o nível de _____.

Lisboa, 30 de Novembro de 2007

Presidente da Direcção
Manuela E. Mendes

Dr.ª Manuela Mendes

Certificado nº 98

(1) Emitido em 02/12/2007, em conformidade com o Decreto Regulamentar nº 35/2002 de 22 de Abril. O presente certificado é válido para efeitos de avaliação de competências e de avaliação de desempenho, bem como para efeitos de avaliação de competências e de avaliação de desempenho, bem como para efeitos de avaliação de competências e de avaliação de desempenho.

MODALIDADE DE FORMAÇÃO: Desenvolvimento Pessoal/ Integração Socioprofissional

Área de Formação: 090

PLANO CURRICULAR

MÓDULO	HORAS
Módulo I: Preparação	032h30m
Módulo II: Treino de Competências Sociais	077h30m
Módulo III: Treino de Competências Pessoais e Emocionais	122h30m
Reforço de Competências: Actividades Lúdico-pedagógicas "Indoor e Outdoor"	243h00m
TOTAL:	475h30m

OBSERVAÇÕES:

O Projeto Educar e Formar para Inovar é composto por 3 blocos, distintos mas complementares entre si, a saber:
Bloco Passado, Bloco Técnico e Bloco Prático.



Certificado

O CARREFOUR PORTUGAL certifica que _____, natural de _____, nacionalidade _____, nascido a _____, filho de _____ e de _____, portadora do B.I. número _____ emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa em _____, frequentou o curso de formação prática em contexto real de trabalho, em regime presencial, que decorreu de 21/03/2007 a 14/12/2007, tendo adquirido competências inerentes à função de Operador de Produtos de Livre Serviço.

Alfragide, 17 de Dezembro de 2007

Administrador

CARREFOUR PORTUGAL

António Baptista



CERTIFICADO

A Escola Secundária D. Dinis certifica que _____
_____ filho de _____
_____ e de _____ natural de
_____, nascido em _____, nacionalidade
_____, sexo _____, portador da autorização de
residência _____, concluiu com aproveitamento, o
itinerário de formação previsto no Protocolo Homologado por
sua Ex^a, a Ministra da Educação entre a Escola Secundária
D. Dinis e o Instituto de Apoio à Criança, que decorreu de
22/01/2007 a 19/03/2008, com a duração total de 270 horas,
que confere Equivalência ao 3º Ciclo do Ensino Básico.

Lisboa, 1 de Julho de 2008

A Chefe dos Serviços de Administração Escolar

Odete Maria Moita Pinto Martins



FDTI Fundação para a Divulgação das
Tecnologias de Informação

Certificado de Formação Profissional

(Decreto Regulamentar n.º 35/2002 de 23 de Abril)

Certifica-se que _____
 natural de _____, nascido(a) a _____, de
 nacionalidade _____, sexo _____, portador(a) do
 Bilhete de Identidade nº _____, emitido por
 _____ em _____, concluiu, **Com**
Aproveitamento, em 11-10-2007, o Curso Office
 Junior Fundamental que decorreu de 20-09-2007 a 11-
 10-2007 com a duração total de 18 horas, tendo obtido
 a classificação final de _____.

Autodesk
Authorized Training Center

Microsoft
CERTIFIED
Partner

DGERT
Departamento de Gestão e Recursos Humanos

 Lisboa, 13 de dezembro de 2007



Agência de Vagas n.º 124-91 4199 - 1247 Lisboa - 202 502 72 31/07

CAPL Nº1207058380

juventude.gev.pt

INSTITUTO DO BENEÍCIO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

2007 12 13

Competências Adquiridas: No final deste módulo de formação, o formando terá adquirido as seguintes competências:

- Apresentação do Office;
- Introdução ao Word;
- Edição de um documento;
- Formatação de um documento;
- Introdução ao PowerPoint;
- Edição de uma apresentação de diapositivos;
- Barra de desenho e de animação;
- Inserção de imagens e sons;
- Introdução ao Excel;
- Edição de uma folha de cálculo;
- Formatações, funções e gráficos.

Plano Curricular

Curso Office Junior Fundamental

18 Horas

- Criar, abrir, editar, copiar, gravar e imprimir documentos;
- Copiar e mover informação entre documentos;
- Identificar o ambiente de trabalho do Word e suas ferramentas;
- Selecionar texto e formatar caracteres e parágrafos;
- Utilizar o espaçamento de linha e parágrafo;
- Inserir e editar imagens no documento;
- Identificar o ambiente de trabalho do PowerPoint e suas ferramentas;
- Criar novos diapositivos;
- Utilizar diversos modos de visualização;
- Aplicar transições e animação;
- Inserir imagens e sons no documento;
- Utilizar as ferramentas de desenho;
- Identificar o ambiente de trabalho do Excel e suas ferramentas;
- Introduzir, editar e formatar dados numa folha de cálculo;
- Utilizar algumas funções e criar fórmulas;
- Definir as margens, a página e impressão;
- Criar e formatar gráficos.

Nota final:

Escala de avaliação: Frequência para sem aproveitamento, Médio, Bom, Excelente

Cert. Nº: 1207016160



FDTI Fundação para a Divulgação das
Tecnologias de Informação

Certificado de Formação Profissional

(Decreto Regulamentar n.º 35/2002 de 23 de Abril)

Certifica-se que _____
 natural de _____, nascido(a) a _____, de
 nacionalidade _____, sexo _____, portador(a) do
 Bilhete de Identidade nº _____, emitido por
 _____ em _____, concluiu, **Com
 Aproveitamento**, em 06-11-2007, o Curso Net Junior
 Fundamental que decorreu de 16-10-2007 a 06-11-2007
 com a duração total de 14 horas, tendo obtido a
 classificação final de _____.

AutoQuest
certificados digitais online

Microsoft
CERTIFIED
Partner

DGERT
Departamento de Gestão

Lisboa, 13 de dezembro de 2007



Av. 24 de Janeiro, n.º 194 Bº 12D - 1470-005 LISBOA

AV. 24 DE JANEIRO

CARL N.º 1307013942

juventude.gov.pt

INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

INSTITUTO

Competências Adquiridas: No final deste módulo de formação, o formando terá adquirido as seguintes competências:

- Conceitos básicos da Internet;
- O Internet Explorer;
- Microsoft Passport;
- MSN Messenger;
- Hotmail;
- Mecanismos de protecção.

Plano Curricular

Curso Net Junior Fundamental

14 Horas

- Navegar na Internet;
- Localizar, guardar e imprimir informação da Internet;
- Guardar e imprimir informação;
- Utilizar os Favoritos e o Histórico;
- Criar um Microsoft Passport;
- Utilizar o MSN Messenger para comunicar em tempo real;
- Utilizar o Hotmail para redigir uma mensagem e para enviar, receber, ler, responder, reencaminhar e imprimir mensagens de correio electrónico;
- Implementar mecanismos de protecção do computador.

Nota final:

Escala de avaliação: Frequência para sem aproveitamento; Médio, Bom, Excelente

Cert. nº1. 1207015946



FDTI Fundação para a Divulgação das
Tecnologias de Informação

Certificado de Formação Profissional

(Decreto Regulamentar n.º 35/2003 de 23 de Abril)

Certifica-se que _____
 natural de _____, nascido(a) a _____, de
 nacionalidade _____, sexo _____, portador(a) do
 Bilhete de Identidade nº _____, emitido por
 _____ em _____, concluiu, **Com**
Aproveitamento, em 18-09-2007, o Curso Winjunior
 Fundamental que decorreu de 04-09-2007 a 18-09-2007
 com a duração total de 14 horas, tendo obtido a
 classificação final de _____.





 Lisboa, 13 de Setembro de 2007



Registo de Licenças n.º 133 87 1230 - 147 horas - 80% (20 70 30)

juventude.gov.pt




Cert. Nº1307016887

Competências Adquiridas: No final deste módulo de formação, o formando terá adquirido as seguintes competências:

- Noções básicas de informática e de sistema operativo;
- Introdução ao Windows;
- Gestão de janelas;
- Barra de tarefas e ícones;
- O meu computador;
- Gestão de pastas, ficheiros e atalhos;
- Reciclagem;
- Botão Iniciar;
- Painel de controlo;
- O Explorador do Windows e outras aplicações nativas do Windows;
- Tópicos de segurança.

Plano Curricular

Curso WinJunior Fundamental

14 Horas

- Identificar os principais componentes do computador e seus acessórios;
- Reconhecer os fundamentos do funcionamento do Windows, ao nível da sua utilização elementar;
- Descrever os componentes do ambiente de trabalho do Windows e configurá-lo;
- Identificar os componentes do botão Iniciar;
- Gerir pastas, ficheiros e atalhos;
- Trabalhar com os programas Paint e WordPad;
- Trabalhar com aplicativos multimédia;
- Utilizar o centro de segurança do Windows XP;

Nota final:

Escala de avaliação: Frequência para sem aproveitamento, Médio,
Bom, Excelente

Cert. Nº. 1207016357

anexo

síntese DO PROJECTO EDUCAR e FORMAR PARA INSERIR (2006)



ÍNDICE

Introdução	1c
1. PROJECTO “EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR”	1d
1.1. Uma acção adaptada à realidade do terreno	1d
1.2. Uma “Chave Metodológica”	1d
1.2.1. Finalidade	1e
1.2.2. Objectivos Gerais e Específicos	1e
1.2.3. Destinatários	1f
1.2.4. Estrutura do Projecto	1g
1.2.5. Indicadores Gerais de Sucesso	1j
1.2.6. Metodologia do Projecto	1k

INTRODUÇÃO

Numa sociedade em permanente mutação, muitos são os desafios que se apresentam a todos os profissionais, em particular aqueles que desenvolvem o seu trabalho na área do social. A velocidade a que decorrem e se alteram os fenómenos sociais constitui, por si só, um fenómeno característico da sociedade contemporânea.

Quando focalizamos a nossa intervenção em adolescentes que entraram em ruptura com a sociedade, o desafio é ainda maior.

Falamos de crianças/jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade, que diariamente fazem da rua o seu espaço de aprendizagem.

Jovens que apresentam comportamentos desviantes e/ou se encontram numa situação de perigo. Expulsos pelo seu comportamento, acabam sem respostas pela sua idade e/ou habilitações o que vai reforçando um percurso de vida que os conduz à entrada no sistema judicial.

Torna-se urgente colmatar a lacuna existente nos recursos de inserção destes jovens.

Assim, surge o Projecto "Educar e Formar para Inserir" implementado pelo Instituto de Apoio à Criança - Projecto Rua a partir da sua experiência de terreno, ou seja, da necessidade sentida de se encontrar uma resposta para a (re)inserção social dos jovens que abandonaram a escola e iniciaram uma vida de ociosidade.

Para possibilitar a integração destes jovens na sociedade e torná-los autónomos, o Projecto "Educar e Formar para Inserir" promove nestes a aquisição de competências pessoais, sociais, escolares e profissionais com respectivas certificações, potenciando a motivação para a continuidade dos estudos e/ou inserção no mercado de trabalho.

1. PROJECTO “EDUCAR E FORMAR PARA INSERIR”

1.1. Uma acção adaptada à realidade do terreno

Desde 1989 que a intervenção do Projecto Rua se tem caracterizado por uma dinâmica de reajustamento constante a fim de responder de forma adequada e no momento certo às mutações da sociedade. À semelhança do que aconteceu no passado, quando a sociedade foi desperta para a existência de crianças de rua, hoje o IAC trava uma nova batalha, despertando consciências e alertando para uma nova realidade.

A nossa maior preocupação recai nos jovens dos 12 aos 16 anos de idade, grupo a descoberto de alternativas eficazes de inserção educativa/formativa. Sem habilitações, sem rumo, sem respostas alternativas à escola que há muito abandonaram, depois de um insucesso continuado, estes são os jovens que se encontram na “faixa cinzenta” (designação encontrada pelo projecto para expressar a lacuna existente nesta faixa etária).

Aos 12 anos a resposta é a escola... aos 15 anos, poderá ser a formação profissional (praticamente inexistente para quem tem o 1º Ciclo). No meio fica uma “ociosidade mutante” que rapidamente se transforma em marginalidade e quando os 15 anos chegam, já é tarde de mais.

Falamos de jovens que fazem assaltos com recurso à agressão física e à violência, falamos de percursos marginais e (pré)delinquentes, falamos de jovens que, por motivos inerentes à sua própria história de vida, não tiveram oportunidade de aprender a “viver com o outro” e o seu sofrimento espelha-se na única linguagem que conhecem: a violência, a dor...

O Projecto caracteriza-se por ser uma modalidade diversificada (Escolar/Profissional), flexível e complementar, face às modalidades existentes e pretende ser uma resposta alternativa na área da Educação e Formação.

1.2. Uma “Chave Metodológica”

Acreditamos que a inclusão social destes jovens é um caminho a percorrer em conjunto, passo a passo, com o jovem, envolvendo a sua família e em parceria com todos aqueles que, directa e/ou indirectamente, possam contribuir para esta caminhada.

Nesta linha de orientação, há que desenvolver nos jovens as suas competências pessoais e sociais e ao mesmo tempo proporcionar os instrumentos para novas aquisições reforçando as competências escolares e profissionais.

Neste sentido apresentamos a finalidade do Projecto “Educar e Formar para Inserir”:

1.2.1. Finalidade

- Promover e desenvolver competências pessoais, sociais, escolares e profissionais que permitam a construção de um percurso de vida saudável e a inclusão sócio-profissional pela mudança de comportamentos e atitudes.

1.2.2. Objectivos Gerais e Específicos

Relativamente aos objectivos deste projecto, serão enumerados os objectivos gerais e os respectivos específicos, que se encontram organizados de acordo com a estrutura de funcionamento do Projecto “Educar e Formar para Inserir”, que posteriormente apresentaremos.

Componente Pessoal

Objectivo Geral

- Contribuir para a criação de condições que permitam a resolução de situações problema ao nível pessoal, familiar e de grupo de pares e a mudança de comportamento.

Objectivos Específicos

- Implicar a família no processo de mudança de comportamento dos jovens;
- Implicar a rede social de parceiros para uma intervenção integrada junto das famílias dos jovens;
- Desenvolver competências pessoais e sociais, promovendo a auto-avaliação;

Componente Teórica

Objectivo Geral

- Promover a aquisição de conhecimentos da área escolar através de metodologias lúdico-pedagógicas.

Objectivos Específicos

Que os formandos adquiram os conhecimentos teóricos previstos nas diferentes disciplinas, atingindo os níveis estabelecidos nos critérios de evidência.

Componente Prática

Objectivo Geral

- Promover a aquisição de competências profissionais em contexto real de trabalho.

Objectivos Específicos

- Que os formandos adquiram competências profissionais na respectiva área de formação, atingindo os níveis estabelecidos;
- Que os formandos se auto avaliem com vista à redefinição do seu plano individual de formação.

1.2.3. Destinatários

Podemos dizer que os destinatários deste projecto são jovens que apresentam elevado deficit na socialização familiar e escolar, recorrem a práticas de actos ilícitos e revelam dificuldade ao nível da aceitação/cumprimento de regras, por ausência de disciplina na sua vida quotidiana.

Estes jovens detêm um historial escolar caracterizado por sucessivas retenções, insucessos e com processos disciplinares por desrespeito pelas figuras de autoridade. Revelam um elevado deficit ao nível da capacidade de atenção/concentração, recorrem com frequência a comportamentos de agressividade verbal (por vezes física) e apresentam baixa auto-estima e intolerância à frustração.

É a partir do conhecimento desta realidade no terreno que se define o perfil de acesso dos jovens ao Projecto “Educar e Formar para Inserir”, a saber:

- Ter idade compreendida entre os 12 e os 18 anos;

- Estar em situação de abandono escolar há mais de um ano;
- Ter 2 ou mais retenções no seu percurso escolar;
- Não ter a escolaridade mínima obrigatória;
- Terem sido esgotadas todas as respostas de integração na área da Educação e Formação;
- Estar em situação de risco e/ou apresentar comportamentos desviantes.

1.2.4. Estrutura do Projecto

O Projecto “Educar e Formar para Inserir” está estruturado em três componentes de intervenção, distintas umas das outras pela sua especificidade mas interligadas e complementares entre si:

A Componente Pessoal que tem por princípio “Ser para Socializar” visa a aquisição de competências pessoais, sociais e emocionais que permitam a inclusão social.

A Componente Teórica que tem por base o princípio “Adquirir para Validar” pretende a aquisição de conhecimentos escolares que permitam a certificação do 4º, 6º e 9º Anos de Escolaridade e a construção de um projecto de vida.

A Componente Prática assente no princípio “Inserir para Formar” promove a aquisição de competências profissionais que permitam a inserção na vida activa de forma responsável e competente.

Passamos a apresentar o que englobamos e como fazemos em cada uma das referidas componentes (Pessoal, Teórica e Prática).

Componente Pessoal	
O que englobamos	Como fazemos
• Processo de Selecção	- Sinalização, por parte dos parceiros, de jovens candidatos; - Compromisso de intervenção integrada entre todos os parceiros; - Entrevista de selecção ao jovem com o envolvimento da família.
• Aplicação de um Programa de Treino de Competências • Certificação de Competências adquiridas	- Dinâmicas de grupo; - Actividades lúdico-pedagógicas e de ar livre; - Utilização de grelhas avaliativas da aquisição e desenvolvimento das competências; - Actividade Prémio.
• Acompanhamento integrado e Psicossocial em estreita sintonia com todos os parceiros e família	- Visita domiciliária ao final do 1º mês de formação; - Elaboração de Planos Individuais envolvendo todos os parceiros de acordo com a especificidade de cada entidade envolvida e transversal a todas as Componentes; - Colaborar na execução das medidas de Promoção e Protecção e nas Tutelares Educativas e/ou Processos Penais; - Avaliação trimestral com o jovem, a família e os parceiros; - Acompanhamento após inclusão social (1 ano) e follow-up.

Componente Teórica	
O que englobamos	Como fazemos
• Estabelecimento de uma Parceria de leccionação com uma escola local – Protocolo com Escola Secundária D. Dinis. • Desenvolvimento de um Programa Curricular adaptado que compreende as disciplinas: - Linguagem e Comunicação; - Matemática para a Vida; - Língua Estrangeira/Inglês; - Cidadania e Empregabilidade; - Tecnologias de Informação e Comunicação; • Certificação para o 4º, 6º e 9º ano de escolaridade.	- A Componente Teórica não deve ocorrer em contexto escolar; - Esta Componente funciona numa lógica modular – progressão de acordo com a evolução de cada formando; - Programa curricular contínuo - - não obedece a uma lógica de ano lectivo; - Constituição de turmas com 10 a 12 formandos; - Diagnóstico das competências escolares para elaboração do Plano Individual; - Presença de um elemento da equipa na sala para apoiar na gestão de comportamentos libertando o professor para o ensino individualizado; - Avaliação trimestral com os professores e devolução dos resultados aos formandos e à família; - A Componente Teórica funciona 2 dias por semana e não deverá ocupar os formandos, um dia inteiro – com a excepção das TIC.

Componente Prática	
O que englobamos	Como fazemos
• Criação de uma Bolsa de Entidades Formadoras • A formação prática em contexto real de trabalho. • Competências a desenvolver no percurso formativo: - Assiduidade - Pontualidade - Cumprimento de horários - Respeito pelos colegas - Respeito pelos formadores - Trabalho em equipa - Cumprimento das regras da empresa - Desempenho das funções atribuídas - Certificação das competências profissionais adquiridas.	- 5 horas diárias, 2 a 3 vezes por semana, durante 6 meses (mínimo); - Visitas periódicas em horários variados, ao local de formação. - Profissional destacado, responsável pelo percurso formativo do jovem, no local de formação; - Reunião de avaliação mensal (elemento da equipa, formador e formando); - Avaliação Trimestral.

Como se pode verificar após análise dos 3 quadros apresentados, o Projecto agrega de forma integrada e coerente estas 3 componentes consideradas essenciais ao desenvolvimento integral dos jovens preparando-os para a vida adulta.

1.2.5 Indicadores Gerais de Sucesso

- Índice de assiduidade e pontualidade dos participantes;
- Correlação entre o número total de jovens e a sua evolução na aquisição e desenvolvimento de competências;

- Número de jovens que adquiram certificação na Componente Pessoal;
- Número de jovens que adquiram habilitações escolares ao nível dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e respectiva certificação;
- Número de jovens que adquiram certificação na Componente Prática;
- Número de jovens que frequentaram o Projecto e continuaram os estudos;
- Número de jovens que conseguiram integração no mercado de trabalho (com idades igual ou superior a 16 anos de idade);
- Grau de cooperação das instituições locais ao Projecto;
- Grau de enquadramento da família no processo educativo e formativo do jovem.

1.2.6 Metodologia do Projecto

Para fazer face a este desafio é necessário inovar não só na forma de olhar esta problemática mas também na forma de intervir.

A própria estrutura de organização e funcionamento do Projecto reflecte esta inovação. O Projecto funciona, com uma equipa em regime de exclusividade, de forma integrada numa sinergia de acção de todos os parceiros acreditamos que o carácter de adaptação e de mutação das próprias estratégias de intervenção (em tempo útil) às situações novas que surgirem, constituirá um factor facilitador para alcançar, com sucesso, os objectivos que pretendemos atingir.

Também, pensamos que a forma como está estruturado o Projecto com 3 Componentes interligadas e complementares entre si, constituirá eficácia na acção.

Consideramos que é impensável intervir isoladamente na aquisição de competências escolares e profissionais, “quando tudo para trás não existe”, a socialização destes jovens é o primeiro passo. Na Componente Pessoal, para além do Programa de Treino de Competências, é feito também, acompanhamento social e intervenção na família dos formandos, de forma integrada com todos os parceiros, essencialmente na resolução de situações/problema.

Um dos princípios metodológicos que destacamos é a existência de uma intervenção integrada, onde são elaborados, executados

e avaliados, planos individuais para cada formando, com base no contributo do próprio, da família, da equipa e dos parceiros.

Da mesma forma, a Componente Teórica reveste-se de especial importância, quando pensamos que a inserção profissional, sem habilitações escolares, se revela um factor bloqueador de sucesso e de qualidade, perpetuando a exclusão social. A Componente Prática é aquela que lhes permitirá a aquisição das competências necessárias à inserção no mundo do trabalho.

A intervenção assenta na dinâmica das 3 Componentes - “chave metodológica” da inclusão social dos formandos.

Não podemos falar em projectos para a inclusão sem um enquadramento económico e social, a par da educação e formação.

O modelo educativo deve ter uma preocupação fundamental, dirigida para a cidadania, de forma a criar uma nova vida, uma melhoria dos conhecimentos ao longo da vida e, cumulativamente, uma inserção no mercado do trabalho – o caminho para a inclusão social. É indispensável esta articulação da educação e formação com as empresas, com organizações não governamentais e escolas. Todos devem estar em estreita articulação para responderem aos desafios deste grupo social.

Estamos convictos que, sem esta conjugação de esforços, dificilmente se conseguirá uma intervenção eficaz que conduza a uma mudança na forma de estar na vida, destes jovens e das suas famílias, tornando-os agentes do seu próprio desenvolvimento e indivíduos com participação activa na vida social e económica do seu país.